

Guilherme David Duarte Monteiro

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA 2,3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO DE MIRANDA DO CORVO COM A TURMA C DO 8º ANO

(In)Disciplina: a percepção dos docentes do segundo e terceiro ciclo do Ensino Básico

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, orientado pelo Mestre Miguel Fachada

Junho 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

GUILHERME DAVID DUARTE MONTEIRO
2011125787

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO DESENVOLVIDO NA ESCOLA BÁSICA 2,3 C/SEC.
JOSÉ FALCÃO DE MIRANDA DO CORVO COM A TURMA C DO 8º ANO NO ANO
LETIVO 2015/2016**

**(In)Disciplina: a perceção dos docentes do segundo e terceiro ciclo do Ensino
Básico**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Miguel Fachada

COIMBRA
2016

Esta obra deve ser citada como:

Monteiro, G. (2016). *Relatório de Estágio desenvolvido na Escola Básica 2,3 c/Sec. José Falcão de Miranda do Corvo com a turma C do 8º ano*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Agradecimentos

Ao meu Pai, à minha Mãe, e aos meus Irmãos por todo o incentivo e força que me proporcionaram, por acreditarem em mim e também pelo investimento na minha formação pessoal e académica.

A toda a minha Família, pelos constantes incentivos ao longo da minha vida académica.

À minha namorada, Inês, amiga, confidente, companheira, pelo seu constante apoio, disponibilidade, paciência e por acreditar em mim quando mais precisei.

À Professora Diana Melo e ao Professor Miguel Fachada, pelos ensinamentos, apoio e dedicação demonstrada ao longo deste percurso. Estes foram sem dúvida suportes fundamentais na construção da minha competência pedagógica.

Aos meus colegas do Núcleo de Estágio, Maria Ana e Eduardo, e em especial à Maria Rodrigues, amiga e companheira do dia-a-dia.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho em especial à Maria, Márcia e Filipa.

Aos amigos por me apoiarem e aconselharem.

Aos 17 alunos da turma C do 8º ano, por me permitirem ensinar e aprender.

À Escola Básica 2,3 c/sec. José Falcão de Miranda do Corvo, que me recebeu enquanto Professor Estagiário.

À Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, em especial a todos os seus docentes que contribuíram para a minha formação académica, profissional e pessoal. Também um agradecimento especial à Maria, Isabel, Lurdes e Lucinda, do Gabinete de Apoio Pedagógico.

A todos o meu muito obrigado por existirem na minha vida!

**“Um Professor sempre afeta a eternidade.
Ele nunca saberá onde a sua influência termina.”**

Joseph Addison

Resumo

No decorrer do segundo ano de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, surge, no âmbito da Unidade Curricular Relatório de Estágio, o Relatório Final de Estágio. Este tem como objetivo que o estagiário elabore uma reflexão e uma descrição das tarefas realizadas ao longo do ano de Estágio, em que desempenhou o trabalho de docente, exercendo de forma orientada todas as suas funções. Este Estágio finaliza a formação académica, donde se espera a aquisição de conhecimentos e bases essenciais para um desempenho com competência. O presente relatório resulta de um ano de Estágio realizado na Escola E.B. 2,3 C/Secundário José Falcão de Miranda do Corvo, ano letivo 2015/2016, junto da turma C do 8ºano.

Este Relatório é constituído por três partes fundamentais, sendo a primeira referente à contextualização da prática desenvolvida, a segunda referente à análise reflexiva da prática pedagógica, e a terceira parte, tendo por base a investigação das diferenças entre o segundo e o terceiro ciclo de estudos, é referente à investigação sobre “O que é que os professores interpretam como sendo indisciplina”. Esta investigação surge no âmbito do tema deste ano, “Didática da Educação Física – Ensinar numa escola inclusiva”.

A indisciplina é um tema de enorme importância, quer em contexto de sala de aula quer no exterior. Dado que a Escola em análise não constitui exceção nesta matéria, este foi o tema escolhido, tendo por base uma amostra de 70 professores. Com o presente estudo procurou-se aprofundar o tema, conhecer as diferentes estratégias adotadas, com o intuito de melhorar desempenhos futuros.

Palavras-Chave: Estágio Pedagógico. Educação Física. Didática da Educação Física. Docentes. Indisciplina.

Abstract

In the second year of the Masters in physical education for basic and secondary education levels, from the university of sport and physical education of Coimbra's university (Faculdade de Ciências De Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra), follows the internship report. This has, as a main objective, a reflection and description of tasks performed during the internship year by the student. During the year, the student performs all the tasks of teachers, exerting in an organized way all its functions. This stage concludes the academic education where it is expected to acquire knowledge and essential foundation for performance competently. The following report results of a year of internship in the Escola Básica 2,3 with secondary level José Falcão de Miranda do Corvo, with students of of the 8th grade, in the year 2015/2016. It has 3 essential parts, the first one regarding the contextualization of the develop practices, second one referring the analytical reflexion of the pedagogical practice and the third referring to the investigation about "What do teachers interpret as indiscipline?", having as basis the analysis of differences between the second and third study cycles.

This investigation arises in the context of this year theme "Didacticism of Physical Education -teaching in an inclusive school". Indiscipline is an opportune topic and of enormous importance, as it's an actual school problem that causes teachers distress, in the classroom and out of it. As it was something present when we started out internship in the school, we chose this topic, having as sample 70 teachers and inferring their opinion about indiscipline.

However, as much as this topic is studied and understood, it is something with no end in sight, as students are more and more different and each teachers has its own strategy, making it very difficult to find a uniform response to indiscipline. However, the objective of deepening the understanding of indiscipline at schools may later be useful to define strategies for current school problems.

Key-words: *Pedagogical internship. Physical Education. Didacticism of Physical education. Teachers. Indiscipline.*

Sumário

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Lista de Abreviaturas.....	ix
Capítulo I – Introdução.....	11
Capítulo II – Contextualização da Prática Desenvolvida	13
1. Expetativas e Fragilidades Iniciais.....	13
2. Projeto Formativo	15
3. Enquadramento do meio escolar	16
3.1. A realidade escolar	16
3.2. O Grupo de Educação Física	17
3.3. O Núcleo de Estágio	17
3.4. Os Orientadores.....	18
3.5. A Turma	18
3.6. Competências Gerais e Especificas da turma. Matérias a abordar e Desporto Escolar.....	19
Capitulo III – Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica	21
1. Atividades desenvolvidas	21
1.1. Planeamento	22
Plano Anual.....	22
Unidades Didáticas	24
Plano de Aula.....	25
1.2. Realização	26
Dimensão Instrução	27
Dimensão Gestão Pedagógica.....	28
Dimensão Clima.....	29
Dimensão Disciplina.....	30
Decisões de Ajustamento.....	31
1.3. Avaliação	31
Avaliação Diagnóstica.....	33
Avaliação Formativa.....	33

Avaliação Sumativa.....	34
Autoavaliação.....	35
Crítérios de avaliação.....	36
2. Tarefas Inerentes ao Estágio Pedagógico.....	36
3. Inovações nas Práticas de Ensino.....	37
4. Componente Ético-Profissional	38
Capítulo IV - Tema Problema.....	41
1. Nota Introdutória.....	41
2. Pertinência do tema em estudo	42
3. Enquadramento Teórico	43
4. Problematização.....	48
5. Metodologia.....	48
6. Apresentação e Discussão de Resultados	51
7. Interpretação e Síntese conclusiva	62
8. Limitações e Recomendações.....	63
Capítulo V – Considerações Finais.....	65
Referências Bibliográficas.....	67
Anexos	71

Lista de Abreviaturas

- 1) E.B. – Escola Básica
- 2) PNEF- Programa Nacional de Educação Física

Eu, Guilherme David Duarte Monteiro, aluno nº 2011125787 do Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, venho por este meio declarar por minha honra que o presente Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo por isso no disposto no artigo 30.º do Regulamento Pedagógico da Faculdade em questão.

Guilherme David Duarte Monteiro

14 De Junho de 2016

Capítulo I – Introdução

O presente relatório surgiu no âmbito da Unidade Curricular Relatório de Estágio Pedagógico, que se encontra inserido no segundo ano de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Este relatório teve por base a análise de todos os pontos fundamentais do Estágio Pedagógico, realizado na Escola E.B. 2,3 com Secundário José Falcão em Miranda do Corvo, com a turma C do 8ºAno.

O Estágio Pedagógico foi considerado a parte mais importante deste ciclo de estudos uma vez que foi a oportunidade de colocar em prática tudo o que foi aprendido e em que fomos confrontados com a realidade das escolas dos dias de hoje.

Durante este ano, tivemos a perceção da quantidade de trabalho exigida aos docentes, não só na vertente do ensino da disciplina mas também em todas as componentes de desempenho curricular e extracurricular como por exemplo, diretor de turma ou coordenador do desporto escolar.

Com o acompanhamento do diretor de turma tivemos a possibilidade de lidar com os problemas reais da turma, das famílias e dos alunos.

Desta experiência no terreno resultou o presente relatório. Está organizado em quatro capítulos que visam transmitir a perceção do trabalho desenvolvido ao longo deste ano. O capítulo primeiro contém a introdução ao relatório de Estágio, o capítulo segundo contém a contextualização da prática desenvolvida ao longo deste ano, no terceiro capítulo procedeu-se à análise reflexiva sobre a prática pedagógica, onde analisámos todas as vertentes do Estágio Pedagógico, no quarto e último capítulo abordámos o aprofundamento do tema problema “O que é que os professores interpretam como sendo indisciplina?”, tendo por base a investigação resultante da recolha e análise de dados versando as diferenças entre o segundo e o terceiro ciclo do ensino básico.

Capítulo II – Contextualização da Prática Desenvolvida

1. Expetativas e Fragilidades Iniciais

O Desporto foi algo presente desde sempre, fazendo parte integrante e estruturante do nosso crescimento.

Após anos de prática desportiva, a Educação Física foi desde cedo a área escolhida para caminho de formação, onde sempre tivemos em vista o ensino como realização profissional para o futuro. Ser professor sempre foi um objetivo fundamental a alcançar. Mesmo antes de ingressar no curso de Educação Física, já lecionávamos na área da natação: o gosto pelo ensino e a transmissão de conhecimentos sempre estiveram impregnados na nossa maneira de Ser e é algo a que damos muito valor.

O Estágio Pedagógico que agora chega ao fim foi sem dúvida, uma das melhores experiências vividas: como pessoas e como docentes, foi algo que contribuiu para o crescimento individual e profissional e para encarar a Escola e todas as suas envolvências específicas de forma real e concreta.

No início do Estágio Pedagógico as expectativas foram significativas, existiu um entusiasmo especial, foi a oportunidade por excelência de ir para “o terreno” lecionar, ajudar a formar integralmente o indivíduo e adquirir experiências intensamente ricas a nível pessoal e humano. Como em tudo, apesar da extrema motivação e ansiedade por iniciar uma exigente nova etapa profissional, subsistiram sempre dúvidas e algumas fragilidades.

Com o início desta fase foi fácil perceber as dificuldades que surgiriam, pois existem sempre modificações e adaptações que se têm que incrementar, o professor tem que estar em constante formação e tem que delinear bem as estratégias a aplicar em cada turma e para cada aluno.

Em relação ao Estágio Pedagógico e às suas componentes surgiram alguns desafios que nos levaram procurar afincadamente as melhores soluções.

A nível do planeamento, um dos problemas foi a realização da extensão de conteúdos e a operacionalização de alguns conteúdos. A nossa coordenadora de escola, Professora Diana Melo, trabalhava por níveis de desempenho e assim

elaborámos sempre níveis de desempenho para cada unidade didática, onde os alunos foram sempre avaliados em situação de jogo formal ou reduzido, não nos centrando em cada gesto técnico, mas sim num conjunto de gestos. Os objetivos que queríamos que os alunos alcançassem num determinado número de aulas ficaram definidos desde o início de cada unidade didática, pois só assim foi possível cumprir a extensão e sequência de conteúdos.

No aspeto da realização, as dificuldades sentidas passaram pela gestão do tempo de aula, rentabilização dos espaços, instrução e *feedback*.

Ao nível da gestão do tempo de aula, as transições entre exercícios e grupos/equipa teve como dificuldade a sua rentabilização, uma vez que era importante proporcionar o mesmo tempo de prática a todos.

Em relação à rentabilização de espaços, a nossa escola teve alguns problemas, pois tinha três espaços cobertos e três ao ar livre: o sistema de rotação funcionou bem, mas este ano particularmente chuvoso prejudicou a boa consecução de um número significativo de aulas, pois coincidiu com a nossa permanência no espaço exterior: assim, sempre que chovia a aula tinha de ser teórica, em sala de aula, ou decorria nas bancadas do pavilhão com conteúdos de condição física, num espaço muito limitado e de difícil utilização.

A instrução inicial começou por ser demorada e provocava a fraca rentabilização do tempo de prática, dificuldade que foi superada com eficácia, sendo no final já muito boa a relação entre tempo de instrução e tempo efetivo de prática dos conteúdos lecionados.

Em relação aos *feedbacks*, inicialmente eram reduzidos e com pouca frequência, algo que também evoluiu muito positivamente, tanto em frequência como em pertinência.

Em relação à avaliação registaram-se algumas dificuldades, em especial na construção de instrumentos de avaliação que fossem de fácil registo e que evidenciassem claramente a importância aos gestos técnicos e as capacidades reais dos alunos: pensamos que também foram dificuldades superadas com êxito.

Apesar de todas as naturais dificuldades, o objetivo foi (e será sempre) realizar o melhor trabalho possível, tentando conciliar as obrigações deste Estágio com a atividade profissional de professor de natação que decorre todas as tardes da semana. Houve períodos complicados, de imenso trabalho, mas cumprimos os

objetivos, e concluímos este processo com enorme satisfação e sensação de gratificação, assim como temos a consciência do dever cumprido.

“ (...) para a criação de escolas que sejam lugares verdadeiramente profissionais está nas mãos dos professores e diretores destas organizações, considerados individualmente ou em pequenos grupos: é por isto que vale a pena lutar”.

Fullan e Hargreaves, 2001, citado por Herdeiro, R, (2010, p.21)

2. Projeto Formativo

Enquanto Professores Estagiários (e ao longo de toda a carreira) foi necessário estar em constante formação de forma a colmatar possíveis erros, melhorar o processo ensino-aprendizagem sem nunca pôr em causa o ensino e as aprendizagens dos alunos.

No decorrer do Estágio foi essencial a reflexão após cada aula, onde realizávamos a análise dos momentos da aula de maneira a ser possível melhorar os mais variados aspetos, tal como, o tempo de instrução e as transições entre cada tarefa. Fundamental também foram as reflexões com o núcleo de Estágio, pois quem esteve a assistir às aulas transmite-nos sempre uma outra perspetiva de fatores possíveis de melhorar e de pormenores que possam passar despercebidos ao docente. Por fim, e não menos importante, foi a opinião após cada aula a que assiste o Professor Orientador da Faculdade e o Professor Orientador da Escola, pois os conselhos e correções foram de extrema importância e imensa eficácia, ajudando assim substancialmente o progresso dos estagiários e dos alunos.

3. Enquadramento do meio escolar

3.1. A realidade escolar

Quanto à sua localização geográfica, situa-se no centro da Vila de Miranda do Corvo.

A nossa Escola é constituída pelo bloco A sendo este o edifício principal, onde se encontram grande parte dos serviços. Faz parte também o bloco B e o bloco C que possui salas de aula, a biblioteca e o auditório da escola.

Com o objetivo de oferecer uma educação global, tornou-se necessário o conhecimento efetivo de toda a comunidade escolar, para se gerir um currículo adequado às necessidades pessoais e sociais de todos os alunos. Assim, a população escolar é constituída, por 978 indivíduos, dos quais 768 são alunos, 122 docentes – 13 professores constituem o Grupo de Educação Física (incluindo os 4 elementos do Núcleo de Estágio) – e 48 funcionários. As atividades letivas organizam-se, de 2.^a a 6.^a feira, das 08h30 às 18h00.

No que concerne às Instalações Desportivas, destinadas à prática das atividades físicas e desportivas desenvolvidas no âmbito da disciplina de Educação Física e do Desporto Escolar, são disponibilizadas para a mesma seis infraestruturas com adequação pré-definida de matérias a lecionar, bem como material desportivo. O Pavilhão Gimnodesportivo encontra-se dividido em três espaços distintos, em que a cada um está associada a prática de uma determinada modalidade. O espaço G1 é fundamentalmente reservado à prática de Voleibol, o G2 à prática de Badminton e o G3 à prática de Ginástica. Existem também dois ringues exteriores, o R1 destinado fundamentalmente para a prática de Basquetebol e o R2 destinado para a prática de Futebol, assim como um espaço aberto com uma caixa de areia (A1) onde se leciona Atletismo.

Esta divisão de matérias em relação ao espaço físico foi deliberada em conselho de grupo no sentido de obter um melhor aproveitamento Pedagógico, uma vez que em determinados espaços estavam fixados apoios e marcações específicas para algumas matérias (por exemplo: no G2 para Badminton).

Esta dinâmica tornou-se essencial para o bom funcionamento do espaço, mas não implicou a obrigatoriedade da prática da modalidade pré-definida para cada

espaço. Como lecionámos também por multimatérias foi essencial a diversidade de atividades realizadas em todos os espaços existentes: além de realizarmos a atividade destinada ao espaço, foi realizada por variadas vezes a adaptação aos objetivos pretendidos e sendo possível abordar três modalidades diferentes em simultâneo, o que proporcionou maior dinâmica às aulas e muita motivação aos alunos.

3.2. O Grupo de Educação Física

Neste agrupamento, o grupo de Educação Física foi composto por 13 docentes, sendo dois deles pertencentes à Escola Ferrer Correia.

Este grupo está inserido no Departamento de Expressões, sendo o coordenador deste Departamento também docente de Educação Física. Faz parte também o coordenador do Desporto Escolar e um docente responsável de instalações. Ao longo deste ano letivo e após variadas interações com todos os elementos do grupo disciplinar, foi observável e facilmente constatável o bom relacionamento e coesão entre todos, assim como a capacidade de trabalhar em equipa. A relação do grupo de Educação Física com o núcleo de Estágio foi excecional, existindo sempre que necessário interajuda, tanto no domínio organizativo como material.

3.3. O Núcleo de Estágio

O núcleo de Estágio da Escola E.B. 2,3 com Secundário José Falcão foi neste ano letivo composto por quatro elementos, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino. Este grupo já se conhecia de anos anteriores, sendo que três elementos já vinham juntos desde o início das aulas da Faculdade, sempre tendo uma boa relação. As metodologias e hábitos de trabalho eram semelhantes, pelo que não houve grandes problemas na adaptação do trabalho em grupo. Como em tudo, nem sempre se esteve de acordo, houve momentos de discórdia, mas com diálogo e bom senso foi sempre possível chegar a consensos proveitosos para todos.

Grande parte deste trabalho surgiu com a Unidade Curricular de Projetos e Parcerias, onde o grupo trabalhou em conjunto e realizou atividades formativas e dinâmicas, tendo todas pautadas por grande sucesso.

3.4. Os Orientadores

Os Orientadores tiveram um papel fundamental em todo o processo de formação e supervisão. São elementos primordiais para a evolução dos estagiários e para o controlo das práticas pedagógicas, pois a experiência destes é essencial e, ao ser partilhada, proporcionou inúmeros benefícios para toda a comunidade escolar.

Neste processo, o Orientador da Faculdade Professor Miguel Fachada e a Professora Diana Melo foram incansáveis.

A Professora Diana Melo foi uma presença constante, onde a sua atuação se salientou por uma atenção constante com acompanhamento sistemático após as aulas, onde refletia e orientava os estagiários, referindo as fragilidades da aula e fornecendo sempre conselhos para a superação das mesmas.

O Professor Miguel Fachada, nas suas idas à escola em observação de aulas, sempre se mostrou disponível, dando conselhos e disponibilizando a ajuda necessária para qualquer dificuldade evidenciada ou sentida pelos estagiários.

3.5. A Turma

Aquando da nossa chegada à Escola e após a Professora Orientadora ter conhecimento das turmas que lhe tinham sido atribuídas, foi feita a distribuição das turmas pelo núcleo de Estágio de forma aleatória, uma vez que nenhum dos estagiários tinha experiência e não conhecia a realidade da Escola, não se registando assim nenhuma preferência individual: assim, de acordo com o referido, ficamos a trabalhar com a turma C do oitavo ano.

Na primeira abordagem à turma do oitavo C, este grupo já tinha tido anteriormente experiência de aulas com estagiários, pelo que estavam habituados à dinâmica implícita de estarem presentes vários docente em aula. Nessa mesma abordagem foi aplicada a ficha de Caraterização individual (Anexo A) pertencente ao *dossier* de turma, onde os dados foram tratados e deu origem à Caraterização da

turma (Anexo B), que foi apresentada pelo Professor Estagiário na primeira reunião do conselho de turma.

Este questionário foi de grande importância, pois possibilitou aos docentes um melhor conhecimento dos alunos, a sua realidade social, os gostos e aptidões para a prática desportiva, tornando-se útil para planeamento da nossa disciplina. A turma em questão tinha alunos que ficaram retidos no mesmo ano de escolaridade, o que tornou mais difícil a sua integração no grande grupo; esta dificuldade ou incapacidade de integração acabou por prejudicar o seu percurso escolar, uma vez que acabaram por se juntar a colegas em situação semelhante e que não foram uma boa influência para o seu crescimento nos valores e comportamento; é de registar que o encarregado de educação de um destes alunos, face à situação exposta, optou mesmo pelo pedido de transferência de estabelecimento de ensino.

3.6. Competências Gerais e Específicas da turma. Matérias a abordar e Desporto Escolar.

Como em todas as matérias disciplinares, em Educação Física também existem competências gerais e competências específicas que os alunos devem atingir. Em termos gerais, temos que promover nos alunos a sua autonomia, a valorização da criatividade, a prática regular de atividade física, a ética desportiva, entre muitas outras qualidades e hábitos.

A nível específico os alunos tiveram que realizar corretamente as competências de cada área cumprindo os indicadores dos devidos níveis de desempenho (Introdutório, Elementar e Avançado). Estas competências foram definidas nas Metas de Aprendizagem de Educação Física e aplicadas na nossa Escola. Após a organização do ano letivo, e a definição dos mapas de rotação dos referidos espaços, foram selecionadas as matérias a abordar pela referida turma, sendo elas o Basquetebol, o Andebol, o Badmínton, o Voleibol, o Atletismo e a Ginástica de Solo. Como já referimos, com o trabalho por multimatérias, os alunos também consolidaram matérias já lecionadas outros anos, como o futsal e o corfebol.

Temos também que salientar a constante preocupação na incidência da condição física, algo que foi abordado e desenvolvido ao longo de todo o ano letivo,

pois torna-se essencial a aptidão física dos alunos, devendo estes permanecer nos valores da zona saudável dos testes do FitEscolas.

Esta Escola foi muito dinâmica em relação ao Desporto Escolar, existindo um leque muito variado de escolhas, sendo elas o Basebol, Ténis de Mesa, Natação, Badmínton, Futsal, Multiactividades, Atletismo, Dança e Ginástica.

Apesar de todas estas ofertas, não existiu nada relacionado com Desporto Adaptado para os alunos com Necessidades Educativas Especiais. Sendo esta uma Escola Inclusiva, julgamos que seria vantajoso a existência de modalidades com características específicas e possíveis destes alunos realizarem, como por exemplo, a Natação ou o *Boccia*.

Capítulo III – Análise Reflexiva sobre a Prática Pedagógica

Neste capítulo o nosso objetivo foi realizar uma retrospectiva do ano que passou em relação ao Estágio Pedagógico.

As práticas pedagógicas foram analisadas, em especial, as suas dimensões como o planejamento, a realização e a avaliação. Todos estes fatores foram essenciais para as boas práticas do docente, tornando-o mais completo e dinâmico.

O professor, atualmente, tem que ser inovador, tem que encontrar soluções para cativar os alunos, pois estes rapidamente desmotivam com a abordagem repetitiva, competindo ao docente procurar estratégias de modo a dar maior dinâmica à Escola atual, com forte aposta na diferenciação pedagógica.

1. Atividades desenvolvidas

Ser professor engloba as mais diversas funções, mas neste capítulo cingimo-nos às dimensões mais específicas da lecionação, como o planejamento, a realização e a avaliação. Estas dimensões foram essenciais para o trabalho docente, pois através do planejamento este vai conseguir elaborar todo um plano anual e assim conduzir as atividades do início ao fim do ano letivo tendo em vista a evolução e a progressão pedagógica dentro do programa previsto. Estas dimensões são interdependentes, pois as decisões e práticas que o docente tomar numa, tem consequências para as restantes.

Ao longo das unidades didáticas o docente foi levado a avaliar o seu trabalho, de maneira a, sempre que necessário, alterar o seu planejamento e a sua aplicação/realização, pois este é apenas balizador, tendo o docente que dar primazia ao processo ensino-aprendizagem e ter a capacidade de o alterar sempre que se mostre necessário.

1.1. Planeamento

O planeamento foi fundamental em todo o processo ensino-aprendizagem, pois orientou o trabalho dos docentes, direcionou o progresso dos alunos e controlou o processo de ensino.

Na disciplina de Educação Física o planeamento fez parte de todo o processo e teve imensas variantes, pois implicou antecipação na forma de delinear as aprendizagens dos alunos e de prever a progressão destes.

Antes de planear, o professor realizou a avaliação diagnóstica da turma em cada unidade didática, tendo esta permitido o conhecimento das aptidões dos alunos.

Após este conhecimento foi então possível proporcionar aos alunos diferentes tarefas conforme o nível de desempenho em que cada um se encontrava. O planeamento engloba o plano anual, as unidades didáticas e os planos de aula.

Todos estes documentos são facilitadores do processo ensino-aprendizagem para os alunos e essenciais para o docente, pois permitem a avaliação do trabalho deste. Resumindo, segundo Clark (1983), citado por Piéron (1999 p.93), o planeamento é como “um processo psicológico fundamental em que uma pessoa visualiza o futuro”.

Plano Anual

O plano anual, segundo Bento (2003 p.65) “é um plano de perspetiva global que procura situar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas.” Como o próprio nome indica, é um plano que engloba tudo o que é abrangido ao longo do ano letivo, isto é, são as linhas orientadoras, podendo este plano ser alterado quando for necessário e sempre que se mostre necessário, sendo assim, este é um documento balizador do processo ensino-aprendizagem. Este constituiu o primeiro passo do planeamento pois refletiu sobre os objetivos a atingir, o meio de atingir o sucesso e as devidas reflexões.

Este documento tem por base o PNEF e as metas de aprendizagem para cada nível de Ensino. Foi um documento elaborado com vista a obtenção do sucesso das modalidades, com rigor, objetivos específicos e claros.

Na turma C do 8ºAno, foram tidos em conta os documentos atrás referenciados tal como as características da escola e a Caracterização da turma. Este

plano teve também de ter em conta a rotatividade dos espaços, as matérias a abordar e todas as vertentes inerentes à Escola.

Perante a rotatividade dos espaços, o PNEF e as matérias lecionadas em anos anteriores, seleccionámos como matérias a abordar no primeiro período o Basquetebol e Voleibol, no segundo período o Andebol e Badmínton e no terceiro período o Atletismo e Ginástica, com incidência no Minitrampolim. Esta escolha foi realizada também a pensar nos alunos, mas a nossa rotação não foi a melhor. Sentimos bastante motivação nos desportos coletivos durante o ano, mas ao chegar ao final do ano, o atletismo e a ginástica de solo não é do agrado da maioria dos alunos, o que por vezes conduziu a alguma falta de empenho e de motivação.

Sabendo à partida que é complicado a nível de gestão de espaços e da própria rotação, seria mais útil a realização de um desporto coletivo e um individual por período.

Em cada rotação o tempo previsto era de seis semanas, o que por vezes na altura de interrupções letivas passou para quatro a cinco semanas, o que dificultou a leção devido ao tempo ser demasiado reduzido para a aquisição de competências.

Em determinadas alturas, fomos obrigados a lecionar condição física num espaço interior limitado, uma vez que as condições climatéricas não permitiram a prática no exterior, trabalhando essencialmente força superior, média e inferior, coordenação, equilíbrio e velocidade de reação, realizando por vezes atividades diárias.

Tivemos também que ter em atenção as interrupções letivas, de maneira a criar ciclos corretos, iniciar e terminar no espaço destinado à modalidade, de maneira a não atrasar o processo de avaliação para espaços menos aptos às referidas modalidades.

Também é importante salientar o excesso de turmas num mesmo espaço, logo, todo o material teve que ser definido para cada espaço desde início, sendo o responsável de instalações a orientar esse processo, de modo a que cada docente tivesse o material adequado para a sua aula no seu respetivo espaço. Este fator é condicionante devido à escassez de material e muitas vezes não se encontrar nas melhores condições. Foi uma opção tida em consideração no nosso planeamento de maneira a não termos imprevistos no processo ensino-aprendizagem.

Unidades Didáticas

Segundo Bento (1998), as Unidades Didáticas são partes integrantes e fundamentais do programa de uma disciplina, pois constituem-se unidades integrais do processo Pedagógico e apresentam ao professor e aos alunos etapas bem distintas do processo ensino-aprendizagem. As unidades didáticas fazem parte do plano anual e são a base de todo processo ensino-aprendizagem, pois contêm as linhas orientadoras, as etapas, as progressões pedagógicas e a extensão de conteúdos de cada unidade que vamos lecionar. As unidades didáticas foram essenciais, uma vez que continham os objetivos e conteúdos (o que ensinar), a sequência ordenada de atividades e conteúdos (quando ensinar), as tarefas de ensino e aprendizagem (como ensinar) e os instrumentos e critérios de avaliação (como avaliar).

Na construção da unidade didática, o professor realizou a avaliação diagnóstica, mediante os indicadores dos níveis de desempenho já delineados, pois é através dessa avaliação que se fez a construção da extensão e sequência de conteúdos (Anexo D), das progressões pedagógicas e de todo o processo ensino-aprendizagem, ou seja, elaborámos um conjunto sequencial de tarefas de modo a ser possível atingir com sucesso o conteúdo de cada unidade didática.

Com o auxílio do documento *Metas de Aprendizagem* e perante a situação evolutiva da turma, construímos níveis de desempenho com diferentes indicadores, (Anexo C) de maneira a avaliar os alunos em situação de jogo, não estando somente centrado em gestos técnicos. Este tipo de avaliação, em situação de jogo, tornou-se bastante motivador e englobante, pois os alunos não centram a atenção num gesto técnico, mas sim numa jogada.

Concluindo, este documento foi de extrema importância, pois conteve as linhas orientadoras do processo ensino-aprendizagem, facilitando a preparação de aulas, o cumprimento do programa relativamente à turma e ao ano em questão. O balanço final deste documento foi obrigatório que fosse realizado, pois foi quando o estagiário teve oportunidade de refletir a nível global sobre as decisões que tomou no decorrer da unidade didática e onde teve a possibilidade de colmatar falhas para que estas não se repitam numa próxima unidade didática.

Plano de Aula

O plano de aula é um elemento relevante em todo o processo do planeamento e é o último nível deste. Bento (2003) refere que este corresponde ao nível de planeamento mais concreto, que traduz a realização metodológica do ensino e o balanço das atividades concretas do professor.

Na elaboração de qualquer plano de aula (Anexo E) o professor deve consultar a unidade didática, de maneira a retirar todos os aspetos importantes para essa aula, tal como os objetivos e a progressão da sequência e extensão de conteúdos

Para a realização dos planos de aula seleccionámos sempre de forma criteriosa os exercícios e todo o que envolvia a aula, como espaço e material, entre outros. Tivemos sempre em atenção as decisões de ajustamento que podíamos ter que realizar. De salientar também que os planos de aula desta turma continham sempre uma zona exclusiva para o aluno com Necessidades Educativas Especiais, onde os exercícios para este aluno eram pensados e planeados dentro das suas limitações. Estes exercícios foram sempre de difícil escolha, pois o aluno tinha algumas especificidades no seu currículo, o que levou a uma preocupação e a um trabalho extra, mas que no fim se tornou muito gratificante ao assistir à evolução e satisfação deste aluno.

Os critérios de seleção de exercícios obedeceram sempre a determinados padrões, onde foi garantida a progressão dos alunos. Como o trabalho foi realizado por níveis de desempenho, o mesmo exercício tinha várias fases, por exemplo, para a realização do apoio facial invertido, no nível introdutório os alunos realizaram pino de cabeça, no nível elementar apoio facial invertido contra um colchão de queda e num nível avançado realizaram o apoio facial invertido sem ajuda. Este tipo de trabalho foi realizado em grupos homogéneos e grupos heterogéneos. Ambos os tipos de trabalho tiveram vantagens e desvantagens, por exemplo, no grupo homogéneo os alunos tinham tendência a auto desafiar-se e a evoluir para gestos técnicos de dificuldade elevada. Nos grupos heterogéneos era notória a tentativa de evolução dos alunos menos aptos mas por seu lado os alunos mais aptos desmotivavam.

Na parte inicial da aula, a instrução continha todos os objetivos da aula, as respetivas estações e a dinâmica desta. Era realizado um jogo pré-desportivo de

maneira a que os alunos se motivassem e que serviu também de mobilização articular. Na fase fundamental do plano de aula, os alunos tinham as tarefas, por grupos e por estações, onde trabalhámos de forma orientada com auxiliares de ensino dispersos pelo espaço de aula. Na fase final, os alunos realizavam o retorno à calma. Nesta fase e em simultâneo com a realização de alongamentos, fazíamos o balanço da aula e a extensão à aula seguinte.

Concluindo foi essencial a escolha dos exercícios e a colocação de objetivos possíveis dos alunos atingirem, pois este fator influenciou diretamente os alunos e a sua motivação.

Ao longo do ano, os planos de aula evoluíram e permitiram que a aula fosse pensada e que decorresse da melhor forma possível. Também com o passar do tempo fomos deixando os nossos “auxiliares de memória” fora de aula, o que levou a uma versatilidade e mobilidade e que possibilitou uma verdadeira interação no decorrer de todas as atividades.

1.2. Realização

Esta foi uma das partes importantes no papel do docente, a mais desafiante e a mais gratificante. Após terminar o planeamento, o professor encontra-se em condições de avançar para a aplicação do seu trabalho. Foi neste momento que o professor encarou a turma e lidou com ela. Foi nesta fase que surgiram os principais problemas e as dúvidas, pois sem experiência e com vinte alunos à frente, foi um desafio realizar qualquer tipo de atividade.

Como foi referido anteriormente, o planeamento, as unidades didáticas e os planos de aula são a construção da aula, para que depois a realização corra conforme o planeado. Construámos solidamente as bases da aula para que esta fosse dinâmica, cumprindo todas as partes essenciais e respeitando todas as progressões pedagógicas. Segundo Roldão (2009), não são as técnicas que constituem a estratégia, mas é a estratégia global planeada que as estrutura numa ação coerente e orientada para o sucesso, ou seja, a intervenção pedagógica depende essencialmente do domínio demonstrado pelo docente de um conjunto de técnicas que constroem todo o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Siedentop (1998), a realização apresenta quatro dimensões que devem estar constantemente presentes e relacionadas e que são complementares

no desenvolvimento do Ensino-Aprendizagem: a Instrução, a Gestão, o Clima e a Disciplina. Para uma percepção da importância destas dimensões, fomos realizar uma retrospectiva do trabalho realizado.

Dimensão Instrução

Segundo Santos (2003), a dimensão instrução é uma técnica de intervenção pedagógica, que tem como principal intuito a comunicação de informação, a avaliação positiva ou negativa, a demonstração e o questionamento.

A dimensão instrução foi essencial para a lecionação da aula, pois a comunicação entre o professor e o aluno foi algo fundamental e essencial para a prática desportiva. Como referimos, esta dimensão abrange técnicas de intervenção pedagógica, como a preleção, o questionamento, a demonstração e o *feedback*.

“A comunicação constitui toda a intervenção do professor, verbal ou não verbal, tendo como finalidade quer o estabelecimento de comunicação com os alunos para transmitir uma mensagem quer o seu controlo, ou ainda tendo como objetivo apreciar o comportamento dos alunos, obter a modificação das suas atitudes ou regular as suas atividades”. (Postic, 1990,p.146)

No que concerne à preleção, foram utilizadas na parte inicial e na parte final da aula, onde foi apresentado inicialmente a contextualização da aula e no final o balanço e a extensão à aula seguinte. Sempre que necessário, foram utilizados meios gráficos para que fosse possível aos alunos o melhor entendimento das tarefas propostas. Durante a aula recorremos algumas vezes a preleções, mas sucintas e claras de maneira a não perder tempo de prática e a orientar de forma objetiva o que queríamos que os alunos realizassem.

Em relação ao questionamento, este foi utilizado como método de ensino, pois foi um dos fatores que levou os alunos a estar com atenção e empenhados. Este questionamento quando realizado no final da aula também teve a função de consolidar as aprendizagens, pois os alunos além da prática relembavam tudo o que foi abordado durante a aula, interiorizando assim a matéria, pois sabemos que a constante repetição é que vai levar à real aquisição de competências.

A demonstração foi um dos métodos mais utilizados, pois os alunos apenas com informação verbal poderiam não entender os gestos técnicos nem a dinâmica dos exercícios, enquanto com demonstração foram capazes de reproduzir os

movimentos. A demonstração teve que ser realizada corretamente pois foi este modelo que os alunos seguiram para a realização do seu gesto técnico. Quando o docente não se encontrava em condições de realizar a demonstração, solicitámos a um aluno que dominasse a matéria para fazer esta demonstração.

O *feedback* uma das componentes importantes no processo ensino-aprendizagem, possuem as mais diversas funções, entre elas motivação, reforço e correção, de maneira a que os alunos atinjam sempre o sucesso, algo que utilizámos com bastante frequência sendo estes direcionados para os alunos de forma individual ou de forma coletiva. Os *feedbacks* influenciaram diretamente a prestação do aluno, tendo sido estes diferenciados a cada situação e a cada aluno individualmente o que levava à melhoria do gesto técnico.

Foi essencial que o docente fechasse o ciclo de *feedback*, pois após o *feedback*, o docente teve que verificar se este obteve o efeito desejado e se o aluno progrediu, sendo essencial que o reforce se necessário, quer seja para nova correção ou para reforço positivo da execução do aluno. Foi essencial o recurso a *feedback* cruzado, pois ao trabalharmos por multimatérias e por estações foi essencial que os alunos sentissem a presença do docente em todo o espaço de aula, não dando oportunidade para o surgimento de comportamentos desviantes.

Com o decorrer do Estágio Pedagógico melhorámos esta dimensão, conseguindo rentabilizar ao máximo o tempo de prática dos alunos. Segundo Piéron (1999, p.81), "*Para comprender el papel del feedback, será necesario superar su simple aspecto cuantitativo, su frecuencia, para abordar su aspecto cualitativo y su adecuación al error cometido por el alumno. Se podría trazar un paralelismo entre el compromiso motor y el feedback*". Ao longo do ano deparamo-nos exatamente com este problema, os *feedbacks* continham frequência mas a qualidade dos mesmos evoluiu ao longo do ano, denotando-se logo uma melhoria na prestação dos alunos.

Com isto concluímos que o *feedback* tem que ser momentâneo e incidir exatamente no aspeto a melhorar.

Dimensão Gestão Pedagógica

A nível de gestão pedagógica foi essencial fornecer aos alunos o máximo de tempo de prática possível, apesar de eles próprios muitas vezes não permitirem esse facto. Quanto mais tempo de empenhamento motor, mais aprendizagens os

alunos tinham e menos comportamentos desviantes existiram. Desde cedo que foram implementadas regras, como por exemplo, após o toque os alunos tinham cinco minutos para equipar, após isso tinham falta de pontualidade. Isto fez com que os alunos chegassem a tempo, de maneira a assistir à preleção inicial e a começar desde cedo a atividade física. Essencial para que a dimensão gestão tenha funcionado foi também a criação de rotinas, assim os alunos sabiam sempre a dinâmica da aula. Nesta dinâmica estavam presentes todos estes momentos, onde tentámos que os alunos, desde início, conhecessem os locais das atividades e as respetivas rotações. Esta informação inicial tornou-se essencial, pois assim, os alunos mal chegavam já sabiam a dinâmica e mal ouvissem o apito sabiam para que estação se tinham de deslocar não perdendo assim tempo com as transições. Este aspeto também foi melhorado com a prática docente.

Segundo Siedentop (1983), a dimensão pedagógica diz respeito aos comportamentos do professor que produzem elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, à redução de comportamentos que possam interferir no normal funcionamento da sessão, ao uso eficaz do tempo de aula e ao uso racional dos espaços e materiais.

Dimensão Clima

Esta dimensão foi bastante importante no processo ensino-aprendizagem, pois influenciou diretamente o professor, os alunos e a interação de ambos na aula.

Um professor que não se sinta bem nem tenha motivação para lecionar, muito dificilmente irá incutir interesse nos alunos. Os alunos sem interesse e sem dinâmica também não estão predispostos para a atividade, levando a uma aula desmotivante e desinteressante.

Desde cedo que criámos uma boa relação com a turma, mantendo um clima saudável onde os alunos estavam interessados e motivados para a prática. Existiu também uma relação de confiança mútua, onde o respeito foi essencial, mas onde os alunos sabiam que tinham uma pessoa em quem confiar. Este clima revelou-se fundamental para a motivação tanto do professor como dos alunos e onde o empenhamento motor e a motivação em cada tarefa se tornou bastante aceitável.

Como em tudo, existiram alunos com comportamentos desviantes (não realização), logo com esses a abordagem foi diferente, passando muitas vezes por

ignorar o aluno e os seus comportamentos, quando estes não comprometiam a boa consecução de aula. Este tipo de abordagem funcionou muito bem este ano, ignorando o professor desde início a falta de vontade e de motivação, o que veio a revelar-se positivo, pois com o decorrer dos períodos letivos, os referidos alunos já demonstravam vontade de participar ativamente em todas as tarefas da aula.

Dimensão Disciplina

Siedentop (1998) refere que as turmas têm que estar organizadas e espera que os alunos se comportem bem. Pode existir alguma desordem mas apenas ocasionalmente.

Esta dimensão tem uma relação íntima com as restantes dimensões, pois um ambiente onde não exista disciplina nem um clima favorável dificilmente existirá um bom processo ensino-aprendizagem. O comportamento dos alunos pode ser apropriado, inapropriado e dentro deste pode ser comportamento passível de ignorar ou não. Como já referimos, as regras têm que ser definidas desde início e quando assim é os alunos não têm desculpa pelas situações que sabiam à partida que não podiam realizar. Desde cedo que essas regras foram clarificadas, tendo sido mesmo necessário realizar uma participação disciplinar, algo que os alunos não estavam à espera e que os levou a perceber que todos os atos tinham consequências. Na turma em questão, tirando uma exceção, não existiu comportamentos graves, existindo por vezes comportamentos inapropriados que precisaram de ser repreendidos e comportamentos que por vezes foram ignorados não dando importância numa primeira fase, mas nunca permitindo a sua repetição.

A turma que lecionámos a nível de comportamento foi bom, o que influenciou diretamente a dimensão clima que foi favorável à prática desportiva e que levou a aulas dinâmicas onde o tempo foi rentabilizado da melhor forma. A repreensão foi utilizada sempre que necessário, e quando a situação era repetitiva no final da aula chamávamos o aluno à parte e tínhamos uma conversa construtiva, de maneira a que o aluno entendesse o comportamento e o melhorasse sem ser necessário tomar medidas mais gravosas. Perante todas estas atitudes, e ao longo do ano, o clima/disciplina tornou-se bastante bom, o que levou a aulas descontraídas mas com rigor, isto é, aulas com exercícios dinâmicos com bom tempo de empenhamento motor onde a boa disposição levou a uma evolução generalizada quer dos alunos quer do docente.

Decisões de Ajustamento

Com o decorrer da experiência como docente, as decisões de ajustamento foram uma das competências fundamentais que o docente teve que adquirir, pois pode influenciar a aula, o planeamento específico e até o planeamento global. Acabámos por recorrer a estas decisões várias vezes, não dependendo a maioria das vezes do docente, mas sim dos espaços e das condições meteorológicas.

Quando foi necessário a aula foi realizada na bancada do pavilhão, não sendo este espaço adequado à prática das modalidades. Neste espaço foram ministrados conteúdos de condição física, algo que foi utilizado muitas vezes. A nível de plano de aula, estes foram modificados em consequência do que foi dito anteriormente e sempre que existia algum problema ou quando consideramos que num determinado momento existia uma tarefa mais pertinente face à aprendizagem da turma. Esta tomada de decisão foi sempre justificada no relatório de aula, revelando-se correta a grande maioria das vezes. Sempre que algum aluno não comparecia na aula também era necessário recorrer a decisões de ajustamento, pois muitas vezes os grupos já se encontravam formados antes das aulas.

Tal como as restantes componentes, a capacidade de tomada destas decisões foram evoluindo desde início, uma vez que no início da lecionação persistiam algumas dúvidas na sua aplicação/alteração. Neste momento já eram tomadas decisões, ajustamo-nos aos espaços que dispúnhamos, sinal também de experiência e eficácia.

1.3. Avaliação

Para Ribeiro (1999), a avaliação pretende acompanhar o progresso dos alunos ao longo do seu percurso de aprendizagem, verificando o que já foi conseguido e o que falta atingir.

Avaliar é por significado um processo que visa verificar a aquisição de competências e habilidades em determinada área de conhecimento ou do campo laboral; tem sempre em vista o processo de melhoria continua.

Com esta definição, sabemos que tem um significado vasto, e que em todas as medidas tomadas existe uma avaliação, mesmo subjetiva. Em todo o caso,

apesar de a sociedade por vezes não concordar com esta opinião, a avaliação tem como principal função a melhoria de indivíduos ou de processos.

Para Nobre (2009), numa perspetiva educativa a avaliação define-se como um processo sistemático de recolha de informação respeitando determinadas exigências, que envolve a formulação de juízos de valor com base num referencial, de maneira a facilitar a tomada de decisões de melhoria do objeto avaliado.

A avaliação é de extrema importância, pois permite ao aluno pôr à prova os seus conhecimentos e permite ao professor aferir a qualidade do ensino e as estratégias a melhorar. Este, no momento de avaliar, orienta o seu trabalho pelas normas dirigidas pelo Ministério da Educação, podendo, no entanto moldar a forma de avaliar e recorrer aos seus próprios instrumentos de modo a facilitar e a avaliar com o intuito de corrigir e de melhorar e não só para atribuir uma classificação. Apesar de ser avaliação, fornecemos sempre *feedbacks*, pois o que queremos é o sucesso dos nossos alunos e os docentes têm que estar sempre preocupados com o processo de aprendizagem.

Na nossa Escola, a avaliação foi realizada a nível cognitivo, socioafetivo e psicomotor. Este último foi aquele que teve mais peso na nossa avaliação, pois sendo uma disciplina prática, a intenção foi que os alunos evoluíssem a nível físico e que alcancem um bom nível prático, ganhando gosto pela prática desportiva.

O núcleo de Estágio orientou-se por três principais funções de avaliação, sendo elas, a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa. Seguidamente vamos esclarecer estas três funções da avaliação e a forma como elas interagem na nossa disciplina.

A avaliação dos nossos alunos foi realizada por níveis de desempenho, onde cada nível tinha os seus indicadores. Nos referidos indicadores, a avaliação foi realizada por gesto técnico, mas em situação de jogo, tal como já foi referenciado anteriormente. Neste tipo de avaliação existem 3 níveis: o nível introdutório, o nível elementar e o nível avançado. Esta forma de avaliar torna-se mais complexa para o docente, pois é necessário uma observação na globalidade do jogo, por exemplo, se o aluno recorre ao gesto técnico mais adequado perante uma situação. Para o discente foi realizado de forma natural em situação de jogo corrido, podendo este aplicar-se e recorrer a gestos técnicos que ache mais adequado e que se sinta mais preparado para aplicar. É um tipo de avaliação mais completa e desafiante, quer para os docentes quer para os discentes.

Avaliação Diagnóstica

A avaliação diagnóstica é essencial no processo ensino-aprendizagem pois permite a sua orientação. Este tipo de avaliação guia todo o trabalho do docente, influenciando as unidades didáticas e os planos de aula. Esta permite conhecer os alunos a nível prático, facilitando a construção das progressões pedagógicas adequadas à turma. Permite ainda criar objetivos a curto e a longo prazo, dando instrumentos aos alunos para se desafiarem e irem mais longe na prática desportiva.

Este tipo de avaliação foi realizada no início de cada unidade didática, onde foi avaliado cada aluno individualmente da forma que referimos anteriormente, numa grelha de preenchimento construída pelo núcleo de Estágio. (Anexo F)

Após esta avaliação foram criados então, os objetivos de cada unidade didática e foi referido aos alunos o nível em que se encontravam e o que teriam de realizar para alcançar o nível seguinte. Estes objetivos variam de nível para nível, fornecendo o professor os meios necessários para que todos os alunos alcancem o nível seguinte.

Com esta avaliação inicial podemos no final de cada unidade didática avaliar a progressão dos alunos, pois fazemos a avaliação sumativa e ficamos com dados comparativos para avaliação do nosso próprio trabalho e da evolução de cada aluno. “A avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (Ribeiro e Ribeiro, 1990 p. 342)

Avaliação Formativa

Para Ribeiro, (1999, p.84) “A Avaliação Formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução” e “tem lugar tantas vezes quantas o professor entender conveniente, no decurso do processo de aprendizagem”

Tal como a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa tem um papel fundamental na evolução do aluno e na condução da unidade didática por parte do docente. Através desta avaliação o aluno consegue saber se está a cumprir os objetivos da disciplina e da unidade didática. Para o professor é essencial, pois

consegue ajustar as aulas aos alunos de maneira a enriquecer a evolução do aluno e as características das aulas.

Este fator é uma componente essencial da avaliação contínua, isto é, da avaliação sistemática de modo a tornar rentáveis aprendizagens e comportamentos.

Tal como na avaliação diagnóstica, o núcleo de Estágio elaborou uma grelha de maneira a tornar possível o rápido preenchimento. Este ano, e a conselho da Professora Orientadora da Escola, optámos também por realizar autoavaliação em algumas aulas de 90 minutos quando o comportamento dos alunos fosse indisciplinado, possibilitando aos alunos oportunidade para realizar uma introspeção do seu comportamento. Julgo que esta medida foi benéfica ao longo do ano, tanto para o professor como para os alunos. Este tipo de avaliação é longa, pois realiza-se durante a fase intermédia de lecionação, contribuindo para manter equilibrada a balança do processo ensino-aprendizagem.

Avaliação Sumativa

Segundo Ribeiro (1999, p.89), “A Avaliação Sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino”

A avaliação sumativa é a mais relevante e a mais importante para os alunos, mas é muitas vezes o resultado da aplicação das outras formas de avaliações. Esta é a mais expressiva, pois é aquela que expõe de forma numérica o resultado dos alunos, logo, é aquela com que os alunos identificam mais claramente e com a qual se preocupam realmente. Esta avaliação tem uma função específica de certificação e qualificação, englobando o domínio psicomotor, o domínio cognitivo e o domínio das atitudes e valores.

O Ensino na atualidade está demasiado centrado nas avaliações, não importando muitas vezes a evolução escolar, ou seja, os alunos no momento da avaliação têm que saber realizar/expressar os conteúdos avaliados, mas depois esquecem, não refletindo muitas vezes a real aquisição de conhecimento, pois conseguiram executar o que foi pedido, mas após algum tempo já não sabem ao certo as componentes críticas de cada gesto técnico. Na nossa turma incentivámos à prática desportiva, valorizando o empenho, a evolução e a interajuda, dando

oportunidade aos alunos de trabalharem com o colega com Necessidades Educativas Especiais, possibilitando a inclusão deste na aula de Educação Física.

Esta avaliação foi realizada normalmente nas últimas duas aulas da unidade didática. Como já foi referido anteriormente, a avaliação foi realizada por níveis de desempenho, utilizando uma grelha construída pelo núcleo de Estágio (Anexo G). Todos os períodos a turma realizou um teste de avaliação escrito (Anexo H), e no final de cada período foi preenchida uma tabela com o domínio socioafetivo, onde os aspetos de conduta, comportamento, autonomia e participação são tidos em conta.

A avaliação sumativa foi realizada sempre em contexto normal de aula, pois assim os alunos não se sentem condicionados por ser avaliação, realizando as atividades o melhor que sabem, conscientes de que estão a ser avaliados formalmente, mas não modificando em nada o seu comportamento, de maneira a tornar o mais real possível a avaliação, que só por si já é bastante subjetiva.

No final foi referido aos alunos o nível que alcançaram, servindo para estes melhorarem numa próxima unidade didática, e servindo também para o professor refletir sobre as estratégias utilizadas e melhorias a efetuar no processo de ensino.

Autoavaliação

A autoavaliação foi realizada no final de cada período, onde os alunos se debruçam sobre a sua prestação nas aulas em todos os domínios de avaliação.

Para esta avaliação, utilizámos uma grelha já utilizada pela Escola e pelo grupo de Educação Física (Anexo I). Os alunos classificavam-se em “nunca”, “às vezes” e “sempre” nos diferentes domínios. No final colocam a nota que acham justa, classificando-se numa escala de 0 a 5 valores. Perante o preenchimento desta ficha, tivemos o reflexo da perspetiva dos alunos, o que em algumas situações não correspondeu à realidade factual da aula: verificou-se muitas vezes falta de consciencialização e análise crítica sobre o seu próprio comportamento, que os próprios consideram sempre bom, ao passo que existiram muitas situações onde foi necessário de forma recorrente corrigir atitudes e comportamentos.

Critérios de avaliação

Os critérios de avaliação na nossa Escola foram definidos pelo Grupo Disciplinar de Educação Física. Estes critérios têm como função tornar a avaliação o mais homogênea possível, de maneira a que os alunos sejam avaliados de igual forma desde o 5º ao 12º Ano.

Estes critérios foram referidos aos alunos no início do ano, sabendo estes à partida tudo o que precisavam de realizar para terem sucesso nesta disciplina. De seguida encontra-se a tabela das diferentes percentagens para cada domínio de avaliação.

DOMÍNIO COGNITIVO (Saberes e Competências de cariz teórico)	Peso 20%
Conhecimento das regras dos jogos e das atividades físicas.	50
DOMÍNIO PSICOMOTOR (Saberes e Competências de cariz prático)	Peso 50%
Domínio das exigências de carácter técnico e/ou tático.	50
DOMÍNIO DAS ATITUDES E VALORES	Peso 30%
Realização das atividades/tarefas propostas (Participação).	8
Participação adequada (Comportamento).	8
Iniciativa nas atividades dinamizadas (Autonomia)	7
Cumprimento das regras de conduta	7

Tabela 1 – Critérios de avaliação

2. Tarefas Inerentes ao Estágio Pedagógico

O Estágio Pedagógico teve algumas questões que foram essenciais e obrigatórias para a formação do futuro docente, entre elas, o desenvolvimento de espírito crítico sobre os mais diversos aspetos da lecionação.

Uma das tarefas inerentes ao Estágio foi a observação das aulas do núcleo de Estágio dos professores da nossa escola e de alguns colegas de outro núcleo de Estágio. Estas observações foram essenciais, pois através delas foi possível aos estagiários colmatar erros próprios e ajudar colegas a corrigir algumas lacunas que estes pudessem ter.

Para estas observações utilizámos uma grelha construída pelo núcleo de Estágio (Anexo J), onde foram tomadas notas relativamente às diferentes dimensões e onde foram referidos os pontos fortes e os pontos a melhorar. Esta informação foi extremamente relevante quando partilhada e quando os professores trabalhavam

dinamicamente de maneira a arranjar estratégias que melhorassem o processo ensino-aprendizagem.

Em relação à observação de aulas de professores, estes tinham tendência para cometer menos erros e os alunos realizava aulas mais fluídas e dinâmicas. Estas observações foram essenciais para aprendermos estratégias e para abrir horizontes na forma de ensinar, podendo observar novos exercícios e novas estratégias de controlo da turma.

Após cada unidade didática os professores estagiários realizaram um balanço dessa mesma unidade, onde foi feita uma reflexão sobre o que tinha sido realizado, se todos os objetivos tinham sido alcançados e se fora cumprido todo o programa presente na sequência e extensão de conteúdos. Após esta reflexão, eram então definidas estratégias de melhoria dos pontos menos bons encontrados em cada unidade didática. Todas estas tarefas revelaram ser de extrema relevância, pois possibilitaram aos docentes a melhoria das suas aulas ao empenharem-se de maneira diferente por estar alguém a observar. Revelou-se também de extrema utilidade para os docentes estagiários pois ao partilhar ideias, medidas e decisões, melhorou em tudo a nossa intervenção e prática pedagógica.

3. Inovações nas Práticas de Ensino

Em relação às inovações nas práticas de Ensino, fomos sempre aconselhados pela Professora Orientadora a evitar a acomodação, a criar novas formas de ensinar, a tornar as nossas aulas mais dinâmicas e mais apelativas para os alunos. Tivemos sempre em atenção a criação de meios auxiliares de ensino, como por exemplo, meios gráficos dos objetivos pretendidos.

Outras das inovações, foi a criação de diversas estações e a lecionação de multimatérias, isto é, numa aula, criávamos diversas estações, como por exemplo, numa aula de atletismo, realizávamos uma estação de corrida de velocidade, uma estação de salto em comprimento e uma terceira estação do jogo do galo ou exercícios de condição física. No espaço interior, no pavilhão, por exemplo criávamos uma estação com exercícios de coordenação, uma estação com exercícios analíticos de ginástica e uma estação com jogo reduzido de futsal. Esta questão foi uma novidade na lecionação das unidades didáticas, pois existem

poucos professores a lecionar desta forma, mas faz com que os alunos tenham tido maior diversidade de matérias, tornando a aula mais interessante e dinâmica. Por seu lado, requer do professor o dobro da mobilidade, pois para estar presente em três estações diferentes é necessário uma grande concentração e o recurso frequente a *feedbacks* cruzados. Inicialmente sentimos dificuldades mas com a prática melhorámos os *feedbacks* e a dinâmica da aula alterou-se substancialmente.

4. Componente Ético-Profissional

A componente ético-profissional é provavelmente um dos pontos fundamentais para o sucesso do professor em todas as suas vertentes. Este tem que ser um modelo/exemplo cuja função é educar, ajudando a construir o futuro dos jovens. O docente tem que ser exigente consigo mesmo, para posteriormente o poder ser com os seus alunos. Um professor que não exige o melhor de si mesmo perderá o respeito e não educará consoante as normas básicas que lhe são exigidas e que estão inerentes à sua profissão.

Desde o início do ano procurámos sempre manter um conjunto de atitudes e valores que nos caracterizam, como estagiários competentes, coerentes, dinâmicos e colaborantes com toda comunidade escolar. As nossas obrigações foram sempre cumpridas, como por exemplo, o cumprimento de horários, a presença em reuniões e em atividades do desporto escolar como o corta mato distrital, entre outros.

Relativamente à autoformação, fomos sempre em busca de mais conteúdos nas unidades didáticas que estávamos a lecionar. Como professores em início de carreira, existem matérias em que não estamos muito à vontade, o que obrigou a que fosse necessário a consulta de manuais e a pesquisa de exercícios para tornar as nossas aulas mais dinâmicas e completas.

Demonstrámos sempre disponibilidade para os alunos, promovemos a diferenciação das aprendizagens perante as dificuldades individuais de cada aluno, promovendo sempre o sucesso destes e a sua evolução.

O trabalho em equipa foi sempre privilegiado, pois as nossas dificuldades podiam ser também sentidas pelos outros colegas e em conjunto as soluções são mais fáceis de encontrar. Demos sempre o nosso contributo em todas as questões

de grupo, respeitando sempre as opiniões diversas e ajudando a chegar a um consenso sempre que as questões em discussão assim o impunham.

Relativamente às inovações das práticas pedagógicas estas foram preponderantes no decorrer do nosso Estágio Pedagógico. Segundo as últimas diretivas do Ministério da Educação, no decorrer do nosso Estágio Pedagógico trabalhamos sempre por níveis de desempenho, onde cada nível continha os seus indicadores, dando sempre o acesso dos alunos ao documento formativo, para que estes se auto desafiassem e também adquirissem autonomia na prática desportiva.

No final de cada aula e de cada período, realizámos uma autoavaliação do nosso trabalho, onde refletíamos de forma autónoma sobre os problemas e onde conseguimos encontrar soluções e evoluir, colmatando os possíveis erros que cometêssemos no decorrer das aulas e do período.

Concluindo, cumprimos todo o nosso trabalho a nível ético, com rigor, assumindo todas as responsabilidades, cumprindo as tarefas e dando especial ênfase ao futuro dos jovens, criando bases para que estes evoluíssem como Pessoas e como membros ativos da sociedade.

Capítulo IV - Tema Problema

1. Nota Introdutória

Aquando da realização do Estágio Pedagógico, surge o Tema-Problema. Para este trabalho foi-nos solicitado que identifiquemos um problema que seja pertinente e que se insira no tema principal, deste ano, “Didática da Educação Física – Ensinar numa escola inclusiva”. Neste contexto, decidimos abordar o tema a *(In)Disciplina* e o nosso problema centra-se no seguinte: “O que os professores interpretam como sendo indisciplina?”. Optámos por este tema pois, do contato com os professores da nossa escola concluímos que estes têm uma enorme dificuldade em controlar os alunos dentro e fora da sala de aula. Atualmente os alunos têm os mais variados tipos de comportamento, não existindo já comportamentos estereotipados para os quais os professores utilizavam de forma genérica os vários tipos de penalização. Hoje os alunos passam muitas vezes mais tempo na escola do que em casa, o que faz com que sejam os professores os principais pilares na educação dos alunos pois, na agitação da vida diária, muitas vezes os pais esquecem-se de transmitir alguns valores aos filhos, tornando a escola a total responsável pela educação dos alunos. Os professores, além de transmissores de matéria e conhecimento, tonaram-se quase em “segundos pais”, isto é, existem alunos que com eles desabafam, pedem conselhos e ajuda. Tal facto, faz-nos refletir sobre se estamos ou não a ir no caminho mais sensato para o futuro dos jovens dos dias de hoje.

A indisciplina na Escola tem vindo a aumentar de forma preocupante, como se pode verificar no estudo “1º estudo sobre indisciplina em Portugal” sendo os alunos de hoje muito mais agitados, mal-educados, facto que prejudica o trabalho dos professores e a sua evolução no processo ensino-aprendizagem. Por parte destes, a Escola tem que ser vista como um local a respeitar, onde o professor é um elemento de extrema importância, pois sem ele é impossível formar cidadãos em perfeita harmonia com a sociedade.

Concluindo, este tema é extremamente pertinente, a nível de intervenção pedagógica, pois condiciona bastante a qualidade do ensino. O sucesso deste domínio não depende apenas do professor, depende também do aluno e por este

motivo, sendo este um dos maiores desafios da carreira docente, propomo-nos, aprofundar este tema.

2. Pertinência do tema em estudo

O nosso problema tem como fator principal a seguinte questão: “O que os professores interpretam como sendo indisciplina?”. Esta é a questão fulcral para o nosso estudo, pois para analisar a forma como o professor lida com a indisciplina temos de conhecer quais os comportamentos que este considera comportamentos de indisciplina.

Nem todos os professores avaliam o mesmo comportamento da mesma forma, se, por exemplo um aluno está a falar na aula, mas não a está a perturbar, uns professores por um lado podem considerar um comportamento de indisciplina e procurar corrigir, e outros por seu turno podem ignorar. Esta diferença depende de múltiplos fatores, como a personalidade do professor, a sua capacidade de concentração e a sua capacidade de gerir da melhor forma o espaço de aula. Este espaço, como João Amado põe em evidência, é um local especial, com uma “cultura” própria que possui como principais características uma enorme quantidade de interações e atividades, uma pluridimensionalidade de funções, uma atividade pública sujeita a avaliações, entre outros fatores, o que a torna relevante em todas as suas vertentes.

Vamos assim analisar a indisciplina no segundo e no terceiro ciclo de estudos, sabendo, à partida, que cada professor lida de maneira diferente perante cada situação e cada contexto. Para além dos aspetos relativos aos professores, existe sempre as questões relativas aos alunos, nomeadamente a idade, o extrato social, a educação familiar, etc. Existem alunos que trazem consigo hábitos de trabalho, de cumprimentos de regras. Por outro lado, não podemos esquecer que existem comportamentos admissíveis a alunos do 5ºAno de escolaridade, mas que são claramente inapropriados para um 8ºAno e que se não forem corrigidos desde cedo, vão ter tendência a agudizar-se estando os docentes a ser coniventes com estes comportamentos

Desta forma o tema que vamos abordar acaba por se tornar um pouco polémico, pois, se por um lado há quem defenda a uniformização dos processos, há

ao invés, quem se pronuncie contra esse argumento. Por inerência da profissão, o professor toma medidas momentâneas e no decurso das aulas. Estas medidas esperam-se que sejam sempre apropriadas, mas há casos em que por instinto, o professor pode não tomar a medida considerada mais correta.

Relativamente à indisciplina esta poderá ser motivada pelas mais diversas razões. Senão vejamos: o clima da escola, o ambiente em casa, a educação, são tudo fatores externos à aula e com os quais, por vezes o professor tem que saber lidar, tendo sempre como objetivo a melhoria do processo Ensino-Aprendizagem.

Concluindo, é um tema que por mais que seja estudado, abordado e aprofundado nunca terá um fim nem uma só solução. É, antes, um problema que se resolve num determinado momento e perante uma determinada situação, colaborando as investigações para um conjunto de ações que possam prevenir, da melhor forma, situações de indisciplina.

Como dizia Pitágoras “Educai as crianças e não será preciso castigar os homens.”

3. Enquadramento Teórico

A sociedade atual depara-se com os mais variados problemas, entre eles a falta de valores, de regras, e de disciplina. A sociedade em que vivemos e na qual estamos inseridos está demasiado egocêntrica. Será que é isto que queremos para os nossos filhos? Para as gerações seguintes? Estes problemas afetam todas as classes sociais nos mais variados setores, mas com especial ênfase na educação, na Escola. Segundo Silva, (2011) "(...)A Sociedade Atual passa por várias mudanças comprometendo o ensino (...) esquecendo-se que esse valioso espaço escolar, serve como espaço primordial (...)”

Para alguns pais a escola e as atividades extra curriculares são depósitos de crianças, isto é, o objetivo é deixar a criança num local às nove da manhã e ir buscar às dezoito horas, ou quanto mais tarde melhor. Esta é, infelizmente prática corrente de alguns pais. Ter um filho é muito diferente de cuidar, educar e dar-lhe bases para que ele seja um Homem completo. A escola é um espaço primordial onde se formam futuros cidadãos, onde se ensina e onde se dão ferramentas para que os jovens

construam o seu futuro, o seu próprio caminho. Hoje em dia os jovens têm tudo à mão. Em segundos têm todo o tipo de informação, todo o tipo de interação.

Antigamente, bastava um raio de sol e uma criança deixava a televisão, saía para a rua, construía brinquedos, brincava sem precisar de videojogos, de bonecos, etc. Estes são fruto do progresso e da evolução, mas esta evolução pode e deve ser gerida pelos pais desde cedo. É neste ponto que temos que começar por mudar a mentalidade dos pais. Estes têm que ser dinâmicos nas atividades em casa, para que os filhos saibam pensar, tenham ideias e saibam como lidar com situações de pressão e *stress*. Uma criança protegida a vida toda e que nunca tenha feito um esforço para atingir um objetivo, quando for adulta, irá desistir na primeira adversidade, e conseqüentemente irão surgir situações de inadequação social e laboral, isolamento, disfunções de várias ordens, problemas de saúde, tais como depressões, esgotamentos e que no limite poderão levar ao suicídio. Em síntese, temos que começar por alterar as mentalidades dos pais para que estes possam ajudar a alterar a dos filhos.

Os pais delegam na escola toda a educação dos filhos, e em casa transmitem-lhe falta de responsabilidade e muitas vezes falta de autoconfiança. A escola transmite conhecimentos, saber, fornece ferramentas para que os alunos construam o futuro. Os valores, a educação como ser Humano tem que começar em casa. "Educação é o caminho pelo qual homens e mulheres podem chegar a tornar-se conscientes de si próprios, de sua forma de atuar e de pensar, quando desenvolvem todas as suas capacidades considerando não apenas eles mesmos, mas também as necessidades dos demais". (FREIRE. p.40, citado por Talita Silva)

A Escola é fundamental, mas será que esta também acompanhou a evolução ou manteve-se num ensino generalizado, onde um professor debita a matéria e nada mais, tal como aconteceu na revolução industrial com a escola de massas?

Como em tudo, há locais que tentam ser diferentes em todos os processos de ensino, mas podemos afirmar, que hoje em dia, a Escola é em tudo idêntica à escola de massas. A escola precisa de mudanças, e o professor é um elo fundamental para a mudança, ou melhor, devia ser, pois na atualidade um professor tem uma diversificação tão grande de papéis na sociedade, que não surge oportunidade para evoluir, para construir e para ser melhor.

O professor nos dias de hoje não passa de uma "marionete" controlada pelo sistema, onde o Estado (Nível Macro) controla tudo, fornece o que é para ser

ensinado e como é ensinado. A escola (Nível Meso) processa essa informação e o professor em sala de aula (Nível micro) cumpre um horário, debita o conhecimento, e os alunos interessados apreendem e se quiserem vão aprofundar o tema. Por seu turno os alunos que por qualquer motivo, seja ele dificuldades de aprendizagem ou desinteresse puro e simples, não conseguem acompanhar a dinâmica da turma, mais tarde ou mais cedo acabam por ficar retidos.

Hoje em dia temos que dar primazia aos currículos abertos e começar a utilizar cada vez menos os currículos fechados, que neste momento são aqueles que realmente importam. Para João Barroso, da Universidade de Lisboa, "tudo se passa nos mesmos lugares, ao mesmo tempo e da mesma maneira". Este afirma que, "a escola é uma coleção de salas de aulas, e o ensino é uma repetição de atividades pré-formatadas, iguais todos os anos".

Com esta afirmação, podemos facilmente perceber a escola de hoje em dia. Os alunos cumprem um horário, ouvem o que é dito pelos professores, muitas vezes sem assimilar, sem contextualizar, depois decoram em casa e chegam ao teste debitam aquilo que leram e toda essa informação vai depois ser esquecida, ou seja, apenas serviu para ter uma boa nota num teste, e nunca mais utilizaram esses conhecimentos, ou provavelmente dirão que um dia ouviram falar nisso. Como diz Vítor Teodoro, Professor da FCT-UNL, " (...) há 50 anos as pessoas repetiam orações em latim e não percebiam o que estavam a dizer. Hoje, acontece o mesmo com os alunos."

A Escola necessita de mudanças, de espírito crítico, de aproveitar tudo o que há disponível hoje em dia. Como exemplo, temos a Escola da Ponte (uma escola portuguesa no distrito do Porto), organizada segundo uma lógica de projeto e de equipa, onde não existem salas de aula, no sentido tradicional, mas sim espaços de trabalho. Referem também a pedagogia Freinet, que se baseia numa proposta pedagógica para modernizar a escola, surgida em 1924, que dá primazia ao desenvolvimento do espírito crítico, utiliza a curiosidade das crianças como ponto de partida para a aprendizagem, feita em cooperação. Este projeto é de extrema importância neste âmbito e traduz-se numa enorme pertinência para a evolução da sociedade atual. Como referiu Jean-Jacques Rousseau, "Que a criança corra, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar".

Para que a Escola possa evoluir é preciso ver a imagem do professor de outra maneira. O professor não é uma simples pessoa que ali se encontra, fala e nada mais.

Para Amado, “(...) a indisciplina é, precisamente, um dos aspetos mais “notáveis” e “observáveis” dessa vida na aula enquanto fenómeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que estabelecem.” (p.43)

Para Carita e Fernandes (2002), uma definição de indisciplina na sala de aula é “(...) caso perturbador para a generalidade dos professores. A indisciplina perturba os professores, afeta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm de se confrontar”. (p.15)

Encontrar as causas e explicações para a indisciplina é algo complexo e bastante complicado pois trata-se de um processo demasiado variável. Entre as causas mais comuns estão a hiperatividade, os sintomas de perturbações biopsicossociais, o autoconceito, o desinteresse, o insucesso escolar, a disfuncionalidade familiar e fatores sociais.

O professor, desde o início, tem que deixar bem claras as regras que quer ver cumpridas por forma a não existirem comportamentos desviantes. Estas regras serão instrumentos de sociabilização, são recursos práticos para a gestão da aula, é o que dá sentido às relações sociais e é essencialmente o que permite alcançar os objetivos no processo ensino-aprendizagem.

João Amado (1998, citado por Amado&Freire,2009) define quatro tipos de regras: a comunicação verbal, a comunicação não-verbal, a mobilidade e o cumprimento de tarefa. A comunicação verbal consiste nas atitudes do aluno que obrigam o professor a parar. A comunicação não-verbal consiste no típico “barulho de fundo”, risos, gestos e movimentos, postura incorreta e muitas vezes uma reação contra a autoridade. A mobilidade consiste em deslocações não autorizadas dentro ou fora da sala de aula. Por fim, o cumprimento da tarefa consiste em o aluno realizar atividades fora da tarefa, possuir faltas de material, faltas de pontualidade e faltas de assiduidade.

Ainda para Amado & Freire (2007), estes propõem três níveis de indisciplina: o nível um, o desvio às regras de trabalho na aula; número dois, a indisciplina perturbadora das relações entre pares; e por último, nível três, os problemas da relação professor-aluno. O desvio às regras de trabalho centra-se essencialmente no incumprimento das regras básicas (conversar, não trabalhar, fazer desenhos,

falta de material, entre outros). A indisciplina perturbadora da relação entre pares, está diretamente relacionada com agressões verbais, físicas, falta de respeito, falta de cooperação e, em casos mais graves, *bullying* e *cyberbullying*. Está também relacionado com rivalidades internas, como inveja, ciúmes, fatores muitas vezes ligados à idade mas que não se pode transpor para situações reais. Por último, os problemas de relação professor-aluno são fatores que afetam diretamente as condições de trabalho e põem em causa a dignidade do professor, desafiam-no, suscitam o confronto e, em casos mais graves, agressões físicas e verbais ao docente.

Em todos estes fatores, o mais recorrente é o primeiro, casos de desvio às regras de trabalho, mas que está diretamente relacionado com a indisciplina perturbadora das relações entre pares. Os problemas nas relações professor-aluno são mais excepcionais, mas têm vindo a acontecer cada vez com mais frequência.

Existirão soluções passíveis de diminuir os casos de indisciplina? Obviamente que existem propostas, como por exemplo, melhorar os currículos escolares, possibilitar maior autonomia às escolas, transferir para os professores o poder de decisão permitindo que estes girem da melhor forma a sua aula sem serem obrigatórios os resultados imediatos. Obviamente que estamos perante hipóteses possíveis, mas que não serão suficientes.

Concluindo: afigura-se que a Escola se encontra no bom caminho, mas a um ritmo demasiado lento. Os professores têm que estar em constante formação, para melhor ensinar. Em casa, onde a educação deve começar, terá que ser feito muito trabalho. Os pais são os primeiros e principais educadores, fornecendo as bases para que os filhos sejam cidadãos inclusivos. A escola, e os professores são transmissores de conhecimento, fornecem as ferramentas necessárias para que os alunos façam as suas escolhas, construam o seu caminho e sejam pessoas cada vez mais completas. O Individuo tem que estar constantemente em busca de conhecimento, tem que ser curioso, pois só assim, será transmissor e recetor de cultura.

4. Problematização

O tema-problema é uma investigação, uma tentativa de resposta a uma determinada situação ou a um determinado problema.

Como já foi referido anteriormente, a nossa principal questão é “O que é que os Professores interpretam como sendo indisciplina?”. Para tanto utilizou-se como público-alvo professores do segundo e terceiro ciclo da Escola Secundária José Falcão de Miranda Do Corvo.

Com a análise deste tema pretende-se mostrar as diferenças nas perceções dos professores de comportamentos conotados como indisciplina no segundo e no terceiro ciclo. Como é expectável, as diferenças de idades dos alunos leva a diferentes comportamentos e estes levam a, por sua vez, determinadas opiniões dos diversos professores, o que também pode variar conforme a sua idade, os anos de serviço, as disciplinas lecionadas entre outros fatores. Dentro da grande diversidade de professores poderão existir diferentes avaliações, pois por exemplo, um comportamento de desvio numa sala de aula é diferente de um comportamento de desvio num pavilhão, ou numa aula de Educação Física, facto que também vamos analisar.

5. Metodologia

5.1. Seleção e justificação da metodologia de trabalho

De forma a procurarmos obter uma resposta para o nosso problema, elaborámos um questionário que foi aplicado aos professores do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, a Escola E.B. 2,3 C/Secundário José Falcão e a Escola Ferrer Correia. Este agrupamento, porque possui todos os anos de escolaridade e abrange todos os ciclos de ensino, faz com que seja possível ter uma amostra fiável e considerável, o que permite que o nosso estudo seja viável. O questionário foi preenchido de forma anónima, foi aplicado aos docentes e, sempre que possível, foi preenchido imediatamente após a sua entrega para evitar extravios.

Após a recolha dos mesmos e com o recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, foi possível elaborar uma comparação, que no

nosso caso, foi a comparação da indisciplina no 2º e 3º ciclo, conforme as disciplinas lecionadas.

Relativamente ao questionário, esta foi a forma encontrada de obter melhores resultados e os mais fiáveis. Os professores demonstraram interesse total por este tema disponibilizaram-se de imediato para o efeito.

Este questionário foi realizado de maneira a ser possível responder de forma rápida, não saturando os docentes e dirigindo as perguntas para a essência da nossa questão. Obviamente que o objetivo foi proporcionar condições para que seja possível arranjar estratégias para a solução de algumas situações de indisciplina, algo que poderá ser estudado numa fase seguinte. A escolha do programa SPSS 23 foi a mais indicada apesar de existirem outros programas compatíveis com este estudo. O SPSS 23 ajudou a que o trabalho fosse mais objetivo, e proporcionou a possibilidade de elaborar a comparação dos níveis de ensino realizando uma análise quantitativa. Para responder à questão “O que é que os professores consideram como indisciplina?” analisámos os resultados das respostas através de tabelas de frequência. Para análise da questão “Diferenças de indisciplina no 2º e 3º ciclo” e “Se existem diferenças estatisticamente significativas por grupos de disciplina”, utilizámos o teste T de amostras independentes e o teste não paramétrico de variáveis independentes, pois é o que permite comparar duas ou mais variáveis.

5.2. Caracterização da amostra

A população utilizada no estudo compreende os professores do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, das escolas E.B. 2,3 C/Secundário José Falcão e da Escola Ferrer Correia. De maneira a ser possível ter uma amostra considerável, para que os resultados fossem possíveis de estudar e de enquadrar com o nosso tema, foi necessário obter no mínimo entre 50 a 100 questionários preenchidos e corretamente respondidos. A amostra obtida foi de 70 questionários corretamente respondidos. Para obtermos este número de questionários respondidos, optámos por abranger todas as áreas disciplinares, mas só validando os questionários corretamente preenchidos e que fossem respondidos por docentes do 2º e 3º ciclo.

5.3. Identificação e classificação das variáveis

As variáveis utilizadas neste problema foram qualitativas. Estas variáveis são expressas por categorias e classes. Neste caso as nossas variáveis são os comportamentos dos alunos, as razões que levam a esta comportamento, as diferenças no segundo e no terceiro ciclo e as diferenças entre as disciplinas nucleares e as disciplinas de expressões.

5.4. Apresentação e Caracterização dos instrumentos

Para a análise desta situação/problema criou-se um questionário onde foram colocadas questões que nos pareceram pertinentes após conversas com docentes e leitura de algumas situações recorrentes citadas no livro “Interação Pedagógica e indisciplina na aula” de João Amado e na tese de Mestrado, “Indisciplina em sala de aula”, de Carla da Silva Girão. Este questionário, totalmente anónimo, foi constituído por perguntas de Caracterização do respondente, tais como, género, ciclo de ensino, anos de serviço e disciplina lecionada. Após estas questões de âmbito geral passámos para questões de natureza subjetiva, onde os docentes são levados a opinar, sobre as principais razões da indisciplina. Nas duas questões seguintes, os docentes têm que classificar os comportamentos de 1 a 5, de forma crescente, onde existem 9 comportamentos. Após estas questões, foram colocadas 10 situações específicas passíveis de acontecerem em sala de aula, com resposta qualitativa binária (sim/não). (Anexo K)

Verificou-se a existência de situações em que um docente mais velho ou com mais paciência considera não ser indisciplina e outros professores considerarem aquela mesma situação ou outras menores como indisciplina. Conclui-se daqui a dificuldade de consenso e de uniformização de processos no combate à indisciplina.

Por último foram os docentes questionados numa resposta aberta, se existia algum comportamento de relevo que quisessem salientar, algo de novo que não tivesse sido referido no questionário.

5.5. Procedimentos

De dia 20 a 28 de Fevereiro, foram passados na escola quatro questionários experimentais, pois assim foi possível receber da parte dos professores *feedback* sobre as questões e as dificuldades sentidas no preenchimento. Durante o mês de Março, foram preenchidos os questionários ou entregues para preenchimento posterior. Obteve-se 70 questionários preenchidos, mas ficaram por entregar cerca de 20 questionários.

Apesar de o preenchimento ser por regra presencial, houve docentes que pediram para entregar passado umas horas ou no dia seguinte e, conseqüentemente houve questionários que nunca chegaram a ser devolvidos. Durante o mês de Abril e Maio procedeu-se à contextualização teórica do tema-documental e bibliográfica.

Após essa pesquisa, realizamos uma estatística inferencial através do programa SPSS 23. No ponto seguinte apresentaremos os resultados e a conseqüente discussão dos dados obtidos.

6. Apresentação e Discussão de Resultados

Como já referimos anteriormente obtivemos 70 questionários respondidos, mas para algumas questões nem todos os docentes responderam, como se pode verificar na tabela seguinte. Para cada um dos comportamentos, além do número de casos válidos temos a média de cada resposta para cada situação concreta.

Tabela 1: Frequência Comportamentos

Situação – Problema	Indisciplina				Ordens Comportamentos
	SIM		NÃO		
	N	%	N	%	
<i>O aluno utiliza boné na sala de aula</i>	42	60%	27	38,6%	<i>O aluno ingere água durante uma atividade na sala de aula</i>
<i>O aluno contesta sobre uma repreensão do professor</i>	63	90%	7	10%	<i>O aluno não participa na aula, mas também não incomoda (apático):</i>
<i>O aluno ingere água durante uma atividade na sala de aula</i>	8	11,4%	62	88,6%	<i>O aluno repreende o colega que está a destabilizar a aula</i>
<i>No decorrer da aula o aluno balança a cadeira</i>	46	65,7%	23	32,9	<i>O aluno utiliza boné na sala de aula</i>
<i>O aluno repreende o colega que está a destabilizar a aula</i>	26	37,1%	44	62,9%	<i>No decorrer da aula o aluno balança a cadeira</i>
<i>O aluno espirra/tosse de forma exagerada</i>	47	67,1%	21	30,0%	<i>O aluno põe em dúvida o conhecimento do professor</i>
<i>O aluno chega constantemente atrasado à sala de aula</i>	58	82,9%	12	17,1%	<i>O aluno espirra/tosse de forma exagerada</i>
<i>O aluno não participa na aula, mas também não incomoda (apático):</i>	13	18,6%	57	81,4%	<i>O aluno chega constantemente atrasado à sala de aula</i>
<i>O aluno por auto recriação utiliza o material escolar do professor</i>	63	90,0%	6	8,6%	<i>O aluno por auto recriação utiliza o material escolar do professor</i>
<i>O aluno põe em dúvida o conhecimento do professor</i>	46	65,7%	21	30,0%	<i>O aluno contesta sobre uma repreensão do professor</i>

Para cada situação, sendo a resposta à questão afirmativa ou negativa, temos o número de casos válidos e a percentagem de cada comportamento. Na última coluna temos os comportamentos por ordem crescente de unanimidade de resposta. O docente considera que ingerir água não tem gravidade ou tem pouca gravidade, enquanto, um aluno que contesta uma repreensão, ou utiliza material do docente sem autorização é considerado de elevado grau de indisciplina. Podemos considerar que 60% dos comportamentos acima mencionados são considerados graves e muito graves.

Continuando a referida análise e na questão referente às razões de indisciplina no segundo e no terceiro ciclo de estudos, obtemos o número de casos válidos, a média e a significância. Para obter conclusões em relação aos valores de significância, realizámos o Teste T para amostras independentes. Para a realização deste teste foi necessário confirmar se cumpríamos os requisitos para a referida realização. Estes requisitos são que a amostra seja 30 ou superior, que exista igualdade de variâncias (Teste de Levene) e onde tem que existir normalidade das curvas, sendo este último verificado através do teste K – S (Kolmogorov Smirnov).

Apresentamos de seguida uma tabela com os comportamentos estereotipados de indisciplina, relacionando-os com a variável *disciplinas nucleares e expressões* e os dois *ciclos de ensino* em estudo.

Tabela 2: Comportamentos de indisciplina por escala de gravidade quando relacionados entre disciplinas nucleares e disciplinas de expressões.

Comportamentos	Disc_lecc	1 – Muito Pouco Grave		2- Pouco grave		3- Mais ou menos grave		4- Grave		5- Muito grave	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Falar em voz baixa enquanto o professor explica a matéria	Nucleares	10	14,5	4	5,8	18	26,1	15	21,7	2	2,9
	Expressões	2	2,9	2	2,9	4	5,8	10	14,5	2	2,9
Trocar mensagens e papelinhos	Nucleares	2	2,9	4	5,8	19	27,5	14	20,3	10	14,5
	Expressões	0	0,0	0	0,0	10	14,5	4	5,8	6	8,7
Gozar com os colegas	Nucleares	0	0,0	0	0,0	6	8,8	14	20,6	28	41,2
	Expressões	0	0,0	0	0,0	2	2,9	4	5,9	14	20,6
Gozar com o professor	Nucleares	1	1,5	0	0,0	2	2,9	7	10,3	38	55,9
	Expressões	0	0,0	2	2,9	0	0,0	0	0,0	18	26,5
Fazer perg poucas adequadas a aula	Nucleares	1	1,4	5	7,2	19	27,5	20	29,0	4	5,8
	Expressões	0	0,0	2	2,9	4	5,8	12	17,4	2	2,9
Não acatar as ordens do professor	Nucleares	1	1,4	0	0,0	1	1,4	14	20,3	33	47,8
	Expressões	0	0,0	0	0,0	2	2,9	7	10,1	11	15,9
Recusar-se a trabalhar	Nucleares	0	0,	1	1,5	5	7,4	20	29,4	22	32,4
	Expressões	0	0,0	1	1,5	3	4,4	9	13,2	7	10,3
Agredir os colegas	Nucleares	0	0,0	0	0,0	1	1,4	4	5,8	44	63,8
	Expressões	0	0,0	0	0,0	1	1,4	1	1,4	18	26,1
Agredir o professor	Nucleares	0	0,0	1	1,4	1	1,4	1	1,4	46	66,7
	Expressões	0	0,0	2	1,4	0	0,0	0	0,0	18	26,1

Analisando esta tabela onde encontramos os comportamentos estereotipados selecionados por nós, conforme conversas informais com os docentes, e quando comparados com as disciplinas nucleares, sendo elas Português, Matemática, Francês entre outras, e as disciplinas de expressões sendo estas Educação Física, Educação Visual e Educação Tecnológica, temos que, os docentes consideram como indisciplina os comportamentos diretamente relacionados com as Relações Humanas, isto é, para os docentes os casos de maior gravidade são as agressões tanto aos docentes como aos discentes e o gozo com os colegas e professor.

O mesmo se verifica na mesma questão quando relacionamos os comportamentos com os ciclos de ensino. Tanto no segundo como no terceiro ciclo os professores consideram os casos de indisciplina mais graves, aqueles que se baseiam em Relações Humanas.

Com este resultado podemos concluir que existe sintonia na opinião dos docentes o que pode levar a uma uniformização dos processos, o que conseqüentemente levará a uma melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Tabela 3: Comportamentos de indisciplina por escala de gravidade relacionados com o segundo e o terceiro ciclo.

Comportamentos	Ciclos Ensino	1 – Muito Pouco Grave		2- Pouco grave		3- Mais ou menos grave		4- Grave		5- Muito grave	
		N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Falar em voz baixa enquanto o professor explica a matéria	2º Ciclo	7	10,0	1	1,4	11	15,7	9	12,9	1	1,4
	3º Ciclo	5	7,1	6	8,6	11	15,7	16	22,9	3	4,3
Trocar mensagens e papelinhos	2º Ciclo	2	2,9	2	2,9	13	18,6	8	11,4	4	5,7
	3º Ciclo	0	0,0	2	2,9	17	24,3	10	14,3	12	17,1
Gozar com os colegas	2º Ciclo	0	0,0	0	0,0	4	5,8	7	10,1	17	24,6
	3º Ciclo	0	0,0	0	0,0	4	5,8	11	15,9	26	37,7
Gozar com o professor	2º Ciclo	1	1,4	2	2,9	2	2,9	4	5,8	19	27,5
	3º Ciclo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	4,3	38	55,1
Fazer perg pouco adequadas a aula	2º Ciclo	1	1,4	4	5,7	9	12,9	14	20,0	1	1,4
	3º Ciclo	0	0,0	3	4,3	15	21,4	18	25,7	5	7,1
Não acatar as ordens do professor	2º Ciclo	1	1,4	0	0,0	2	2,9	11	15,7	15	21,4
	3º Ciclo	0	0,0	0	0,0	1	1,4	10	14,3	30	42,9
Recusar-se a trabalhar	2º Ciclo	0	0,0	0	0,0	5	7,2	14	20,3	9	13,0
	3º Ciclo	0	0,0	3	4,3	3	4,3	15	21,7	20	29,0
Agredir os colegas	2º Ciclo	0	0,0	0	0,0	2	2,9	4	5,7	23	32,9
	3º Ciclo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,4	40	57,1
Agredir o professor	2º Ciclo	0	0,0	3	4,3	1	1,4	1	1,4	24	34,3
	3º Ciclo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	41	58,6

Tabela 4: Razão dos comportamentos de Indisciplina – Comparação 2º e 3º Ciclo de Ensino

<i>Razões Indisciplina</i>	Ciclo ensino	N	Sig
<i>Características dos alunos</i>	2º Ciclo	29	0,772
	3º Ciclo	41	
<i>Falta de formação de professores</i>	2º Ciclo	29	0,814
	3ºCiclo	41	
<i>Clima Reinante na Escola</i>	2º Ciclo	29	0,986
	3º Ciclo	41	
<i>Importância atribuída à escola pelas pessoas e pelo meio envolvente</i>	2º Ciclo	29	0,138
	3º Ciclo	41	

Para este caso específico podemos concluir que não existe significância, isto é, não existe relação estatisticamente significativa entre as razões de indisciplina no segundo e no terceiro ciclo, pois em todos os casos, sig superior a ,05 (pelo que aceitamos a hipótese nula).

Tabela 5: Razão dos comportamentos de Indisciplina – Comparação Disciplinas Lecionadas

<i>Razões Indisciplina</i>	Disci. Lecionadas	N	Sig
<i>Características dos alunos</i>	Disc. Nucleares	49	0,939
	Expressões	20	
<i>Falta de formação de professores</i>	Disc. Nucleares	49	0,575
	Expressões	20	
<i>Clima Reinante na Escola</i>	Disc. Nucleares	49	0,085
	Expressões	20	
<i>Importância atribuída à escola pelas pessoas e pelo meio envolvente</i>	Disc. Nucleares	49	0,819
	Expressões	20	

Relativamente há razão da indisciplina relacionado com as disciplinas lecionadas, concluímos que não foi possível realizar o Teste T, pois não existia igualdade de variâncias. Para a referida análise utilizámos o teste não paramétrico de Mann-Whitney. Como podemos analisar pela tabela apresentada anteriormente não existe nenhum valor onde $\text{sig} \leq 0,05$, logo concluímos que não existe significância nestes parâmetros.

Passando agora para segunda questão essencial do nosso estudo, Saber se existem diferenças na indisciplina no segundo e no terceiro ciclo, apresentamos a seguinte tabela.

Tabela 6: Diferenças dos comportamentos de Indisciplina no 2º e 3º ciclo de Ensino

Comportamentos	Ciclo de Ensino	N	Média	Sig
<i>O aluno utiliza boné na sala de aula</i>	2º Ciclo	29	1,41	0,749
	3º Ciclo	40	1,38	
<i>O aluno contesta sobre uma repreensão do professor</i>	2º Ciclo	29	1,14	0,381
	3º Ciclo	41	1,07	
<i>O aluno ingere água durante uma atividade na sala de aula</i>	2º Ciclo	29	1,83	0,202
	3º Ciclo	41	1,93	
<i>No decorrer da aula o aluno balança a cadeira</i>	2º Ciclo	29	1,41	0,231
	3º Ciclo	40	1,28	
<i>O aluno repreende o colega que está a destabilizar a aula</i>	2º Ciclo	29	1,72	0,167
	3º Ciclo	41	1,56	
<i>O aluno espirra/tosse de forma exagerada</i>	2º Ciclo	28	1,25	0,387
	3º Ciclo	40	1,35	
<i>O aluno chega constantemente atrasado à aula</i>	2º Ciclo	29	1,10	0,208
	3º Ciclo	41	1,22	
<i>O aluno não participa na aula, mas também não incomoda (apático)</i>	2º Ciclo	29	1,83	0,813
	3º Ciclo	41	1,80	
<i>O aluno por autorrecreação utiliza o material escolar do professor</i>	2º Ciclo	29	1,14	0,204
	3º Ciclo	40	1,05	
<i>O aluno põe em dúvida o conhecimento o professor</i>	2º Ciclo	28	1,29	0,684
	3º Ciclo	39	1,33	

Como observámos na análise desta tabela tivemos cinco comportamentos (comportamento 1, 2, 6, 8 e 10) que cumpria os requisitos do Teste T, logo foi o teste que utilizámos, visto ser um dos testes mais fiáveis.

Nos restantes comportamentos em que $\text{sig} \leq 0,05$, e onde existia uma distribuição normal, utilizámos o teste não paramétrico de amostras independentes, o Mann-Whitney. Este possibilita detetar a existência ou não de significância de cada comportamento em cada ciclo de ensino.

Como podemos concluir, também neste caso, não existem relação estatisticamente significativas, pois não existe nenhum $\text{sig} \leq 0,05$.

Por fim na análise das diferenças de indisciplina por grupo disciplinar, onde dividimos em dois grupos, sendo um deles o grupo das disciplinas nucleares e o outro grupo das expressões.

Para os comportamentos nº 1, 2, 3,4,5,6,9 e 10 foi possível realizar o Teste T, pois cumpriam todas as condições que já referimos anteriormente.

No comportamento nº7 e 8, como não cumpriam a norma da variância e como tínhamos uma curva normal verificada através do teste de Kolmogorov-Smirnov, realizámos o teste de Mann-Whitney para verificação da referida variância.

Através deste teste concluímos que não existe nenhum caso em que $\text{sig} \leq 0,05$, logo em nenhuma situação existe variância, isto é, os comportamentos de indisciplina não estão diretamente relacionados com as disciplinas lecionadas, como podemos verificar na tabela seguinte.

Tabela 7: Diferenças dos comportamentos de Indisciplina nas diferentes disciplinas leccionadas

Comportamentos	Ciclo de Ensino	N	Média	Sig
<i>O aluno utiliza boné na sala de aula</i>	Disc. Nucleares	49	1,39	0,885
	Expressões	19	1,37	
<i>O aluno contesta sobre uma repreensão do professor</i>	Disc. Nucleares	49	1,10	0,980
	Expressões	20	1,10	
<i>O aluno ingere água durante uma atividade na sala de aula</i>	Disc. Nucleares	49	1,88	0,373
	Expressões	20	1,95	
<i>No decorrer da aula o aluno balança a cadeira</i>	Disc. Nucleares	48	1,35	0,673
	Expressões	20	1,30	
<i>O aluno repreende o colega que está a destabilizar a aula</i>	Disc. Nucleares	49	1,61	0,499
	Expressões	20	1,70	
<i>O aluno espirra/tosse de forma exagerada</i>	Disc. Nucleares	48	1,29	0,849
	Expressões	19	1,32	
<i>O aluno chega constantemente atrasado à aula</i>	Disc. Nucleares	49	1,22	0,085
	Expressões	20	1,05	
<i>O aluno não participa na aula, mas também não incomoda (apático)</i>	Disc. Nucleares	49	1,86	0,299
	Expressões	20	1,75	
<i>O aluno por autorrecreação utiliza o material escolar do professor</i>	Disc. Nucleares	48	1,10	0,480
	Expressões	20	1,05	
<i>O aluno põe em dúvida o conhecimento o professor</i>	Disc. Nucleares	46	1,30	0,719
	Expressões	20	1,35	

7. Interpretação e Síntese conclusiva

Este trabalho teve como objetivo descobrir, e partindo das opiniões dos docentes, descobrir se existia diferenças em relação à indisciplina no segundo e no terceiro ciclo. Os resultados específicos obtidos vão ao encontro de outros estudos já realizados.

Perante os dados desta amostra e com os referidos resultados, foi possível concluir que, na ótica dos docentes a indisciplina existente na sala de aula se deve às características dos alunos e à importância dada há escola pelas pessoas e pelo meio envolvente.

Em relação aos comportamentos citados nesta investigação, os docentes consideram na sua maioria os comportamentos como graves e muito graves. Tal resultado vai de encontro aos resultados obtidos na investigação de Madalena Costa em "*A Gravidade da Indisciplina: percepções de alunos e professores numa escola de 2º e 3º ciclo*", pois numa panóplia de comportamentos que a autora utilizou, a sua maioria foi de grau 4 e 5, tendo a própria utilizado uma escala de 1 a 5, sendo o 1 menos grave e o 5 muito grave. Esta semelhança nos resultados obtidos permite concluir que para os docentes em geral, a indisciplina tem fundamentos idênticos na maioria da escola.

Também podemos concluir que as razões de indisciplina quando relacionadas com os ciclos de ensino não tem relação estatisticamente significativa, tal como acontece com as disciplinas lecionadas.

Analisando agora as diferenças de indisciplina no segundo e no terceiro ciclo, concluímos que não existe relação estatisticamente significativa, logo os comportamentos são idênticos nos diversos anos de escolaridade. No segundo ciclo o que é considerado um comportamento grave é considerado de igual forma no terceiro ciclo, e o mesmo se verifica com casos de menor grau de gravidade.

Quando relacionada a indisciplina com as disciplinas lecionadas, concluímos que não existe relação estatisticamente significativa, isto é, quer as aulas sejam lecionadas num ambiente mais rigoroso de sala de aula ou num espaço aberto mais descontraído, como por exemplo um pavilhão, os comportamentos de indisciplina são considerados de igual importância.

Tais resultados demonstram também que nesta situação-problema os docentes têm opinião idêntica e consideram a indisciplina de igual maneira. Perante estes e visto não existir diferenças em nenhum dos parâmetros analisados, o resultado demonstra sinais positivos, onde se poderia avaliar a possibilidade da uniformização dos processos de controlo das situações de indisciplina.

8. Limitações e Recomendações

No decurso da elaboração do presente trabalho encontrámos várias limitações.

A principal limitação consistiu na dificuldade em obter questionários respondidos na rapidez do seu preenchimento e na sua entrega. Também tivemos como grande limitação a falta de investigação relativamente à comparação dos diferentes ciclos de ensino.

Como recomendações para futuras investigações, propõem-se a aplicação de um questionário idêntico, sobre indisciplina, ao pessoal não docente, aos alunos e encarregados de educação, para que, uma vez na posse desses dados seja possível formular conclusões concernentes à opinião de todos os intervenientes no processo educativo, permitindo assim a real noção do problema da indisciplina e possibilitando a tomada de medidas que beneficiem a Vida Escolar de todos.

Capítulo V – Considerações Finais

Chega então ao fim todo este processo de formação e aprendizagens como professor estagiário.

Foi um ano de novas e gratificantes experiências, aquisição de conhecimentos e habilidades profissionais para que no futuro seja possível cumprir com maior mestria e responsabilidade o papel de docente, nunca unicamente como transmissor de conhecimentos mas principalmente potenciador do crescimento integral dos jovens com quem contata, criando situações assertivas de aprendizagem e de crescimento: para isso serve-se não só do conhecimento e inteligência, mas também do exemplo de Vida.

Os objetivos iniciais a que nos tínhamos proposto foram cumpridos com êxito, tendo ao longo do ano letivo eliminado fragilidades e superado as dificuldades que foram surgindo através da aquisição de competências necessárias para realizamos uma boa condução do processo ensino-aprendizagem.

Como em tudo estamos a falar de um processo de formação contínua e ninguém termina esta etapa com o domínio total de competências para ser Professor.

O que possuímos agora são as bases de construção do nosso próprio Caminho, existindo permanentemente a preocupação de dar continuidade e crescimento ao processo de formação e aquisição de competências não só na vertente técnica mas também humana.

Em conclusão, temos o orgulho de afirmar foi um ano de muito trabalho, mas de enorme satisfação e plena realização, pois além de exercermos aquilo que mais gostamos, verificou-se uma muito salutar criação de laços e afetos com colegas, pessoal não docentes e em especial com alunos, fatores que contribuem definitivamente para o nosso crescimento enquanto Ser Integral.

Referências Bibliográficas

Amado, J. (2000). *A construção da disciplina na escola – suportes teóricos-práticos*. Asa Editores. Porto

Amado, J. (2001). *Interacção Pedagógica e indisciplina na aula*. Asa Editores. Porto

Bento, J. (1998). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa Livros Horizonte.

Costa, Maria (2012). *A gravidade da indisciplina: percepções de alunos e professores numa escola de 2º e 3º ciclo*. Dissertação de Mestrado em Gestão Escolar, Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação e de Economia - Universidade de Coimbra.

Estrela, T., & Amado, J. (2000). *Indisciplina, violência e delinquência na escola: Uma perspectiva pedagógica*. Revista Portuguesa de Pedagogia, 34

Herdeiro, R. (2010). *Trabalho Docente e Desenvolvimento Profissional: Narrativas de Professores*. Chiado Editora

Martins, C. (2016). *Quando a Escola deixar de ser uma fabrica de alunos*. Acedido a 10/5/2016, em <http://www.publico.pt/temas/jornal/quando-a-escola-deixar-de-ser-uma-fabrica-de-alunos-27008265>

Nobre, P. (2009). *Contributos para uma avaliação curricular da Escola: A avaliação do PCE*. In *Investigar, Avaliar, Descentralizar – Actas do X Congresso da SPCE*. Bragança: SPCE e ESE/IPB

Perrenoud, P. (2001). *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza: saberes e competências em uma profissão complexa*. Artmed. Porto Alegre

Perrenoud, P. (2002). *Ofício do Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Lisboa. Porto Editora.

Perrenoud, Philippe. *A formação dos professores no século XXI*. In: PERRENOUD, Philippe et al. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002a.

Perrenoud, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Piéron, M. (1999). *Para una Enseñanza eficaz de las actividades físico-deportivas*. Barcelona: INDE.

Pina, P. (2016). *O que nos dizem os professores sobre a indisciplina nas escolas?* Acedido 30/4/2016 <https://www.noticiasao minuto.com/pais/560774/o-que-nos-dizem-os-professores-sobre-a-indisciplina-nas-escolas>

Postic, M. (1990). *Observação e Formação de Professores*. (2ªed.). Coimbra: Livraria Almedina.

Ribeiro e Ribeiro, (1990). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa. Universidade Aberta

Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da Aprendizagem: Tipos de avaliação*. Lisboa: Texto Editora.

Roldão, M. (2009). *Estratégias de Ensino. O saber e o agir do professor*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Santos, A. (2003). *Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2º divisão B, na preparação de preparação e na competição*. Dissertação de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Siedentop, D. (1983). *Development teaching skills in Physical Education*. Palo Alto: Mayfield Publishing Company.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a Enseñar la Educación Física*. Barcelona. Inde Publicaciones

Silva, T. (2011). *Educação na Sociedade Atual*. Acedido em 20/4/2016, em <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/educacao-na-sociedade-atual-4435597.html>

Outras Referências:

Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo. Acedido em 5/4/2016 <http://aemc.ccems.pt/>

Artigo: 1º Estudo sobre indisciplina em Portugal: <http://www.comregras.com/1o-estudo-sobre-indisciplina-em-portugal-com-dados-das-escolas/>

Programa Nacional de Educação Física (Reajustamento). Novembro 2011.

Anexos

Anexo A – Ficha de Caracterização da Individual

 GOVERNO DE PORTUGAL DIREÇÃO-GERAL DOS ESTABELECIMENTOS ESCOLARES DIREÇÃO DE SERVIÇOS DA REGIÃO CENTRO DGEstE	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO ANO LETIVO 2014/2015 EB 2.3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO	 Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo
D.1.3.		
FICHA INDIVIDUAL - DOSSIER DA DIREÇÃO DE TURMA – ANO LETIVO 20__/20__		

1. IDENTIFICAÇÃO												
Nome: _____												
N.º: _____ Ano: _____º Turma: _____ Data Nascimento: ____/____/____												
Morada: _____												
Freguesia: _____ Concelho: _____												
Telefone: _____												
2. ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO												
Nome: _____												
Grau de Parentesco: _____ Idade: _____												
Profissão: _____												
Morada: _____ Telefone: _____												
Local de trabalho: _____ Telefone: _____												
3. AGREGADO FAMILIAR												
Nome		Grau de parentesco			Idade		Profissão					
4. SAÚDE												
Dificuldades visuais: <input type="checkbox"/>				Doenças crónicas: <input type="checkbox"/>								
Dificuldade auditivas: <input type="checkbox"/>				Alergia: <input type="checkbox"/>								
Dificuldades motoras: <input type="checkbox"/>				Outra: <input type="checkbox"/> qual: _____								
Contacto a estabelecer em caso de urgência: _____												
5. VIDA ESCOLAR												
Já teve retenções no percurso escolar? Sim: <input type="checkbox"/> Não: <input type="checkbox"/>												
Anos Escolares	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
N.º de retenções												
Aulas de Apoio frequentadas:												
Disciplinas preferidas:												
Disciplinas com mais dificuldades:												

Meio de transporte usado para vir para a escola:				
Comboio	Autocarro	A pé	Automóvel	Outro. Qual?
Distância de casa à escola:			Tempo gasto:	

	Sim	Não
Gostas de Estudar?		
Estudas todos os dias?		
Estudas habitualmente em casa?		
Tens alguém que te ajude no estudo?		
Costumas conversar em casa sobre o estudo?		
Costumas frequentar a biblioteca?		

6. TEMPOS LIVRES

Em que costumavas ocupar os tempos livres? _____

Fazes parte de algum clube ou coletividade? Qual? _____

7. O FUTURO

Gostarias de continuar a estudar nesta escola? Sim: Não:

Que profissão gostarias de ter? _____

Porquê? _____

Anexo B – Ficha Caracterização da turma

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DGESTE Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços da Região Centro	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO ANO LETIVO 2014/2015 EB 2.3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO	 Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo
---	--	---

1. ALUNO

Idade	Masc.	Fem.	Total
9			
10			
11			
12	1	2	3
13	2	4	6
14	8	1	9
15			
16			
17			
18			
19			
20			
> 20			
Total			

Concelho	Miranda do Corvo	Lousã	Penela
N.º de alunos	13	4	1

Morada	N.º de alunos
Miranda do Corvo	11
Lousã	4
Espinhhal	1
Fraldeu	1
Vila Nova	1

2. ENCARREGADO DE EDUCAÇÃO

Grau de Parentesco	Mãe	Pai	Tio	Doutora ADFP
N.º de alunos	12	4		2

Profissão	Empresária	Professora	Dentista	Desempregada	Emp Mesa	Cabeleireira	Operária Fabril
N.º de alunos	1	3	1	3	1	1	5
Profissão	ADFP						
N.º de alunos	3						

3. AGREGADO FAMILIAR

Idade	Pais	Mães
25-30		
31-35	1	1
36-40	3	4
41-50	8	12
51-55	1	
56-60		
> 60		

N.º de Irmão	0	1	2	3	4	> 4
N.º de alunos	3	10	4			

	Desempregado	Empregado	Doméstico	Reformado	Falecido
Pai	0	11	0	0	0
Mãe	3	10	3	0	0
Total	3	21	3	0	0

NOTA: Nem todos os alunos registaram a idade do Pai, bem como a sua situação profissional.

4. SAÚDE							
	Dificuldades visuais	Dificuldades auditivas	Dificuldades motoras	Doenças crónicas	Alergia	Outra	Não têm
N. de Alunos	1	0	1	2	0		14

5. VIDA ESCOLAR												
Anos Escolares	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º	10.º	11.º	
N.º de alunos com retenções		1	1	2			3	2				

Aulas de Apoio frequentadas:	Matemática	Inglês	Português	Não tem
N.º de alunos	1	0	2	15

Disciplinas	LP	MAT	ING	HIST	FQ	EV	EF	CN	ET	FRA
Preferidas		2	1	2			13	6		2
Com dificuldade	2	11	2		6	1		1		

Meio de transporte usado para vir para a escola:				
Comboio	Autocarro	A pé	Automóvel	Outro. Qual?
-	5	8	4	1 Carrinha

Distância de casa/escola (Km)	< 1	1 a 3	>3	S/Resposta
N.º de alunos	4	4	5	5

Tempo gasto no percurso (min.)	< 5	5 a 10	> 10
N.º de alunos	3	10	4

	Sim	Não	S/Resp
Gostas de Estudar?	11	6	1
Estudas todos os dias?	3	14	1
Estudas habitualmente em casa?	13	4	1
Tens alguém que te ajude no estudo?	12	5	1
Costumas conversar em casa sobre o estudo?	11	6	1
Costumas utilizar livros da biblioteca?	6	11	1

6. TEMPOS LIVRES									
Ocupação dos tempos livres	Bicicleta	Futebol	TV	Computador	Ouvir Música	Conviver com Amigos	Natação	Brincar	Estudar
N.º de alunos	7	4	6	5	3	2	1	1	1

Clube ou coletividade	Nenhuma	Viveiro Futsal	Gândaras	Casa do Povo	Mirandense	Filarmónica Espinhal	Desporto Escolar
N.º de alunos	9	0	0	2	4	1	2

7. O FUTURO

Gostariam de continuar a estudar nesta escola	Sim	Não
N.º de alunos	16	2

Profissão pretendida	Médico	Ed. Infância	Futebolista	Cientista	Secretário	Advogado			
N.º de alunos	2	2	1	1	1	1			

Anexo C – Sequência e Extensão de conteúdos

Extensão e Sequência de Conteúdos da modalidade Badminton												
Mês			Fevereiro					Março				
Data			15	17	22	24	29	2	7	9	14	16
N.º de Aula			1/2	3	4/ 5	6	7/ 8	9	10/ 11	12	13/ 14	15
Conteúdos	Introdutório 1+1	Pega correta	I	E	E	E	E	E	E	C	Avaliação Sumativa	
		Assume posição base	I	E	E	E	E	E	E	C		
		Posiciona-se corretamente antecipando a queda do volante	I	E	E	E	E	E	E	C		
		Executa serviço	-	I	E	E	E	E	E	C		
		Envia o volante para o campo adversário com <i>lob</i> e <i>clear</i>	-	I	E	E	E	E	E	C		
	Elementar 1x1	Executa serviço curto e longo	-	-	I	E	E	E	E	C		
		Executa o <i>lob</i> e <i>clear</i> com objetivo de ponto	-	I	E	E	E	E	E	C		
		Executa deslocamentos mantendo o posicionamento correto	-	I	E	E	E	E	E	C		
	Avançado 1x1	Executa o <i>drive</i>	-	-	-	-	I	E	E	C		
		Executa o <i>smash</i> ou <i>amorti</i> para fechar ponto	-	-	-	-	-	I	E	C		
		Gesto técnico adequado em função do volante	-	-	-	I	E	E	E	C		
		Envia o volante para o espaço vazio	-	-	-	I	E	E	E	C		

Anexo D – Exemplar do plano de aula

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL</p> <p>MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DGEste</p> <p>Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços da Região Centro</p>	<p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO</p> <p>ANO LETIVO 2014/2015</p> <p>EB 2.3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO</p>	 <p>Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo</p>
---	---	--

Professor		Data		Período		Ano/Turma	
Aula nº		Duração		Nº de Alunos Previstos		Local	
Hora		Unidade Didática					

Função Didática	
Objetivos de Aula	
Sumário	
Recursos Materiais	

Tempo		Tarefa/Situações de aprendizagem	Organização/Descrição da tarefa	Critérios de êxito/Componente Críticas/Objetivos Específicos
Parcial	Total			
<u>Parte Inicial</u>				
<u>Parte Fundamental</u>				
<u>Parte Final</u>				
Justificação das opções tomadas:				

Anexo E – Tabela de Níveis de Desempenho

 <p>DGEstE Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços da Região Centro</p>	<p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO</p> <p>ANO LETIVO 2014/2015</p> <p>EB 2.3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO</p>	 <p>Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo</p>
--	---	--

Avaliação Diagnóstica - Badminton

Nível Introdutório	Nível Elementar	Nível Avançado
Jogo 1+1	Jogo 1x1	Jogo 1x1
<ol style="list-style-type: none"> 1- Realiza a posição base; 2- Realiza uma pega correta da raquete; 3- Posiciona-se corretamente, antecipando o local da queda do volante; 4- Executa o serviço (o volante deve cair na área de serviço); 5- Envia o volante para o campo adversário (ao alcance do colega) utilizando lob e/ou clear. 	<ol style="list-style-type: none"> 1- Executa o serviço curto e o serviço longo com objetivo de ponto; 2- Envia o volante para o campo adversário utilizando lob e clear com objetivo de ponto; 3- Recorre a deslocamentos, mantendo um posicionamento correto. 	<ol style="list-style-type: none"> 1- Executa o drive; 2- Executa o amorti e/ou o smash com objetivo de fechar o ponto; 3- No decorrer do jogo, utiliza o gesto técnico mais adequado em função da trajetória do volante; 4- Envia o volante para um espaço vazio.
<p><u>Posição base:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Tronco ligeiramente inclinado à frente; - MS semi-fletidos com a raquete à altura da cabeça; - MI semi-fletidas; - Peso do corpo distribuído sobre os dois apoios. <p><u>Pega da raquete – Pega de direita:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Apontando a cabeça da raquete de perfil, para a frente e para baixo, segundo uma linha no prolongamento do braço, os dedos envolvem o cabo da raquete sobre a diagonal, com o indicador por baixo e o polegar ao lado. 	<p><u>Serviço curto:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocação de lado, com o ombro e pé esquerdo voltados diagonalmente para o adversário; - Colocar o pé contra lateral à frente com o peso do corpo sobre o MS de trás; - Acelerar o movimento de trás para a frente e debaixo para cima, batendo o volante com o movimento de chicotada; - Imprimir uma trajetória ao volante para que este passe a rede e caia o mais depressa possível, dentro da área de receção ao serviço; - Segurar o volante entre o polegar e o indicador, com 	<p><u>Drive:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Colocar o pé direito à frente (jogador destro); - Bater ao lado do corpo, plano e rápido; - Colocar a cabeça da raquete paralela à rede e no momento do batimento efetuar um movimento explosivo; - Imprimir ao volante uma trajetória tensa e rápida, dirigindo-o para o corpo do adversário ou para um espaço momentaneamente desprotegido. <p><u>Amorti:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Bater por cima e à frente da cabeça; - Rodar os ombros e os MI; - Estender o MS, acompanhado de uma desaceleração no

<p><u>Pega da raquete – Pega de esquerda:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Pegando na raquete, como se descreve na pega direita, se a rodarmos ligeiramente para fora sobre o dedo indicador, ficamos com uma das faces mais largas do cabo da raquete voltada para cima, em que sobre essa face colocamos o polegar. <p><u>Lob:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Avançar o pé do lado da raquete em afunde para executar o batimento; - Batimento à frente do corpo e abaixo da cintura, forte e contínuo para cima e para a frente, acompanhado de um movimento forte do pulso na mesma direção; - Imprimir ao volante uma trajetória ascendente, alta e profunda, para que o volante caia perto da linha de fundo do campo adversário. <p><u>Clear:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Rodar os ombros e os MI e fletir o braço que tem a raquete com a mão ao nível da nuca; - Bater de modo explosivo, por cima e à frente da cabeça, com extensão final do braço; - Bloquear o pulso e a rotação do tronco no momento final do batimento; - Imprimir ao volante uma trajetória alta e longa de modo que caia perto da linha final do campo adversário. 	<p>o braço estendido à altura do ombro.</p> <p><u>Serviço longo:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Idêntico ao serviço curto porém é necessário imprimir uma trajetória ao volante que seja alta e profunda de modo que este caia perto da linha final do campo adversário. <p><u>Deslocamentos:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Deslocamento frente/direita: passo caçado em afundo; - Deslocamento frente/esquerda: esquerda/direita em afundo; - Deslocamento atrás/direita: direita, esquerda e direita; - Deslocamento atrás/esquerda: esquerda, direita e esquerda (rodando); - O deslocamento lateral é feito em afundo sobre a perna do lado da raquete. 	<p>final do movimento;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imprimir uma trajetória descendente e lenta de modo que o volante caia próximo da rede do campo adversário. <p><u>Smash:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Rodar os ombros e a cintura; - Fletir o MS da raquete, cotovelo voltado para cima e para a frente, mão ao nível da cabeça; - Bater o volante de forma explosiva, por cima e à frente da cabeça, com extensão final do MS e acentuada flexão do pulso; - Imprimir ao volante uma trajetória descendente e rápida, de modo que este caia no campo adversário com o máximo de velocidade possível.
--	--	---

Tabela G – Tabela Avaliação Sumativa

 <p>GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA</p> <p>DGESTÉ Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços da Região Centro</p>	<p>AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO</p> <p>ANO LETIVO 2014/2015</p> <p>EB 2.3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO</p>	 <p>Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo</p>
---	---	--

Alunos	Nº	Introdutório 1+1					Elementar 1x1			Avançado 1x1				Nível
		Realiza posição base	Pega corret. raquet	Coloca se corretamente	Executa o serviço	Lob ou clear campo oposto	Serviço curto ou longo	Lob ou clear c/ obj ponto	Deslocamentos c/ posicion. correto	Drive	Amorti/smash	Gesto técnico adequado	Volante espaço vazio	
	1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	A
	2	X	X	X	X	X								I
	3	X	X	X	X	X	X	X	X					E
	4	X	X	X	X	X	X							I+
	5	X	X	X	X	X	X							I+
	6	X	X	X	X	X	X	X	X					E
	8	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	A
	9	X	X	X	X	X	X							I+
	10	X	X	X	X	X	X	X	X					E
	11	X	X	X	X	X	X	X	X					E

	12	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	13	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	A
	14	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	A
	15	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	A
	16	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	A
	17	X	X	X	X	X	X	X	X		X			E+
	18	X	X	X	X	X	X	X	X					E
	19	X	X	X	X	X	X	X	X					E

Tabela H – Exemplar Teste Sumativo

Ficha de Avaliação Sumativa

8º C – 7 de Março de 2015

Nome: _____	Nº: _____	Ano: _____	Turma _____	Data: ___/___/___
Avaliação: _____	Professor: _____	Ass. Enc. Educ. _____		

Grupo I (25%)

1. Para cada alínea indica se a afirmação é verdadeira (V) ou falsa (F).

		V	F
1.1	Uma partida de Badminton disputa-se à melhor de 4 jogos.		
1.2	Num jogo de Badminton é permitido efetuar dois toques consecutivos.		
1.3	Quando o volante cai no campo adversário, ganhamos um ponto e direito a servir.		
1.4	Na execução do Lob, o batimento deve ser realizado abaixo da cintura.		
1.5	Na execução do Serviço, segura-se o volante na palma da mão.		
1.6	No clear, o batimento é efetuado abaixo da cintura.		
1.7	A posição-base é realizada com os membros inferiores fletidos.		
1.8	Num jogo oficial a altura do poste é de 1,55 metros.		
1.9	No drive o batimento é efetuado por cima da cabeça.		
1.10	Quando a pontuação é par o serviço é efetuado do lado esquerdo.		

Grupo II (25%)

2. Em cada uma das questões são apresentadas três hipóteses de resposta, das quais **só uma esta correta**. Identifica-a colocando um círculo à volta da opção escolhida.

- 2.1. Quais dos seguintes gestos técnicos foram abordados nas aulas de Educação Física:
- Clear, Lob
 - Clear, Serviço.
 - Clear, Lob e Serviço.

2.2. Um jogo de Badminton, oficialmente, pode ser jogado:

- a) Individualmente.
- b) Individualmente e a pares.
- c) A pares.

2.3. No Badminton, podem ser executados dois tipos de serviço:

- a) Serviço alto e serviço baixo.
- b) Serviço curto e serviço longo.
- c) Serviço por cima e serviço por baixo.

2.4. Quando o volante está em jogo, um jogador faz falta sempre que:

- a) Toca na rede e/ou invade o campo do adversário.
- b) Pisa as linhas do seu campo.
- c) Sai fora dos limites do seu campo.

2.5) No amorti queremos o volante:

- a) Junto à rede.
- b) Junto à linha de fundo.
- c) No meio do campo

Grupo III (25%)

3. Identifica qual das **afirmações é que está errada** tendo em conta as componentes críticas de cada gesto técnico.

3.1. No gesto técnico do passe de ombro:

- a) Colocar o mesmo pé à mão que realiza o passe ligeiramente à frente do ombro;
- b) “Armar” o braço (antebraço no prolongamento do Ombro e o braço virado para cima);
- c) Terminar o movimento com uma extensão do braço e simultaneamente uma “chicotada” da mão.

3.2. No gesto técnico do passe picado:

- a) Colocar o mesmo pé à mão que realiza o passe ligeiramente à frente do ombro;
- b) “Armar” o braço (antebraço no prolongamento do ombro e o braço virado para cima);
- d) Dirigir a bola para o solo, através da flexão do pulso, de forma que ela ressalte para o colega, imprimindo uma trajetória em “V”.

3.3. No gesto técnico da recepção:

- a) Voltar o corpo para o portador da bola;
- b) Formar uma concha com as palmas das mãos com os dedos bem juntos e firmes e os polegares tocando-se;
- c) Estender os braços ao encontro da bola;

3.4. No gesto técnico do Remate em Apoio:

- a) Colocar o pé contrário à mão que remata ligeiramente à frente do ombro;
- b) “Armar” o braço (antebraço no prolongamento do ombro e o braço virado para cima);
- c) Realizar um movimento, com o braço, de trás para a frente e de baixo para cima com uma “chicotada” final da mão;

3.5. No gesto técnico do Remate em Suspensão:

- a) Efetuar uma corrida preparatória (no máximo 3 passos) com a bola nas mãos;
- b) Colocação do último apoio ao mesmo tempo que se dá início ao “armar” do braço rematador, transferindo a bola para a mão desse braço;
- c) Rematar na fase de impulsão, acima do adversário;

Grupo IV (25%)

4. Coloca uma cruz no **V**, se a frase for verdadeira e um **F**, se a frase for falsa.

	V	F
Uma equipa de Andebol é constituída por 6 elementos (5 jogadores + 1 guarda-redes).		
Cada equipa só pode realizar 3 substituições.		
O guarda-redes pode defender com qualquer parte do corpo.		
O guarda-redes pode sair da área da baliza com a bola na mão		
No remate o jogador não pode pisar nem ultrapassar a linha de 6 metros, com a bola na mão.		
Se um jogador der 4 passos com a bola na mão é marcada falta da linha de lançamento livre (9 metros)		
É permitido tirar a bola das mãos do adversário.		
No lançamento de linha lateral o jogador não pode pisar a linha.		
O jogador pode ter a bola na mão mais do que 3 segundos.		
O jogo de jogadores que tenham idades entre os 12 e os 16 anos tem duas partes de 25 minutos.		

Sou capaz de não sobrepor o interesse pessoal ao do grupo									
Aceitei respeitosamente decisões contrárias às minhas									
Expressi corretamente as minhas dúvidas e dificuldades									
Sempre que estive presente e não realizei a componente prática, cumpri as tarefas propostas									
Como aluno(a) sob <u>atestado médico</u> empenhei-me no desenvolvimento de trabalhos e sobre as modalidades abordadas									
APRENDER A CONHECER 20%	Nunca	Às vezes	Sempre	Nunca	Às vezes	Sempre	Nunca	Às vezes	Sempre
Adquiri conhecimentos relacionados com os conteúdos									
Respondi com clareza às questões colocadas na aula;									
Conheço as técnicas e táticas abordadas									
Sei as regras das modalidades lecionadas									
APRENDER A FAZER 50%	Nunca	Às vezes	Sempre	Nunca	Às vezes	Sempre	Nunca	Às vezes	Sempre
Adquiri habilidades motoras									
Apliquei os conhecimentos lecionados									
Apliquei corretamente nas tarefas propostas									
Progridi para níveis superiores									
Auto-Avaliação	I Período			II Período			III Período		

Tabela J – Ficha de Observação de aulas

 GOVERNO DE PORTUGAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA DGESTÉ Direção-Geral dos Estabelecimentos Escolares Direção de Serviços da Região Centro	AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE MIRANDA DO CORVO ANO LETIVO 2014/2015 EB 2.3 C/SEC. JOSÉ FALCÃO	 Agrupamento de Escolas Miranda do Corvo
---	--	---

Relatório de Aula

Ano/ Turma:		Data:	Hora:	Duração:	Tempo útil:
Espaço:	Aula n.º:	Aula n.º:	UD:	Período:	
Observação n.º:		Professor:		Observador:	

Dimensões/Competências da I.P. Funções de Ensino		S;N;+/-	Observações					
PLANEAMENTO	Descreve corretamente todos os elementos do plano							
	Operacionaliza objetivos corretos, com critérios de êxito e componentes críticas pertinentes							
	Prevê tarefas adequadas aos alunos/ n.º de aula							
	Prevê organização alunos/materiais							
	Maximiza tempos de aula, tarefa, transições/organização, TPA							
INFORMAÇÃO INICIAL	Contextualiza a aula. Indica os objetivos e conteúdos							
	Explica o tipo de tarefas e organização							
	Combina sinais de Atenção, Reunião e Transição							
	Usa linguagem clara, audível, adequada e pertinente							
	Motiva os alunos para a prática							
INSTRUÇÃO DEMONSTRAÇÃO	Usa linguagem clara, afável, enfática, precisa, audível, adequada e pertinente		Tarefa 1*	Tarefa 2*	Tarefa 3*	Tarefa 4*	Tarefa 5*	Tarefa 6*
	Refere component. Críticas mais importantes							
	Faz boa demonstração (modelo/colocação)							
	Usa o questionamento como método ensino							
	Diminui os tempos de instrução							
GESTÃO ORGANIZAÇÃO	Faz aquecimento específico, ativo e motivante							
	Mantém o fluxo de aula							
	Rentabiliza organização material/espço							
	Distribui/organiza alunos e o material com eficácia							
	Gere eficazmente os tempos de aula							
CONTROLO ATIV. DOS ALUNOS	Usa sinais com coerência/eficácia							
	Controla segurança dos alunos							
	Usa a sobreposição							
	Posiciona-se corretamente							

	Circula de forma ativa e imprevisível							
	Gere bem tarefas/grupos de alunos							
FB-DIAGN. PRESCRIÇ.	Fornecer boa taxa de FB							
	Diversifica o FB positivo							
	Assegura qualidade/pertinência do FB							
	Fecha ciclos de FB							
FINALIZAÇ.	Relembra objetivos e faz balanço das aprendizagens							
	Faz extensão à próxima aula e motiva os alunos							
	Usa linguagem clara, audível, adequada e pertinente							
	Gere eficazmente o tempo de aula							
CLIMA	Cumprimenta e usa o nome dos alunos							
	Revela disponibilidade para os alunos							
	Auxilia os alunos no insucesso, elogia-os e incentiva-os							
	Usa tom de voz agradável e afável							
	Revela entusiasmo pelo ensino							
	Usa estratégias para criar bom clima							
DISCIPLINA	Cria regras de aula e torna-as claras							
	Relembra e faz cumprir regras definidas							
	Reforça positivamente o cumprimento regras							
	Ignora comportamento inapropriado ligeiro							
	Dissuade comportamento inapropriado							
	Usa estratégias p/ prevenir e controlar a (in) disciplina							
APRECIÇÃO FINAL								
APRECIÇÃO METODOL.	Tarefas adequadas ao nível de aprendizagem dos alunos							
	Tarefas pertinentes de acordo com objetivos							
	Progressão lógica das aprendizagens							
	Correção técnico-científica							
APRECIÇÃO DIDÁCTICA	Aula de acordo com o planeado							
	Adaptação ajustada a novas situações							
	Consecução dos objetivos							
	Maximiza TPA							

Observações

- *Tarefa 1 -
- *Tarefa 2 -
- *Tarefa 3 -
- *Tarefa 4 -
- *Tarefa 5 -
- *Tarefa 6 -

Aspetos positivos:

Aspetos menos positivos, a melhorar:

Tabela K – Questionário Indisciplina

Questionário

Questionário aos docentes sobre indisciplina no espaço de aula.

No âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensino Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra pretendemos ampliar o nosso conhecimento acerca da temática da Indisciplina na sala de aula. A indisciplina é um tema controverso e importante para o sucesso do ensino-aprendizagem. Neste trabalho pretendemos aprofundar algumas questões que lhe são associadas. Nomeadamente, a perceção dos professores acerca da origem do problema e a sua interpretação dos diversos comportamentos dos alunos.

Todas as informações decorrentes deste questionário são estritamente confidenciais, sendo os resultados codificados e utilizados para fins de investigação.

Agradecemos que responda às questões com a maior sinceridade.

1. Género:

Masculino: Feminino:

2. Ciclo de Ensino:

2º Ciclo: 3º Ciclo:

3. Anos de serviço:

0-10: 11-20: 21-30: 31-40:

4. Disciplina que leciona:

Resposta: _____

5. Na sua opinião a maioria dos episódios de indisciplina têm, ou deve-se, a: (selecione no máximo duas hipóteses)

1. Características dos alunos;
2. Falta de formação dos professores;
3. Clima reinante na escola;
4. Importância atribuída à escola, pelas pessoas e pelo meio envolvente.

6. Classifique de 1 a 5 **cada um** dos seguintes comportamentos consoante o seu grau de gravidade, sendo que 1 é pouco grave e 5 muito grave.

Comportamentos	1	2	3	4	5
1) Falar em voz baixa enquanto o professor explica a matéria.					
2) Trocar mensagens e papelinhos					
3) Gozar com os colegas					
4) Gozar com o professor					
5) Fazer perguntas pouco adequadas à aula					
6) Não acatar as ordens do professor					
7) Recusar-se a trabalhar					
8) Agredir os colegas					
9) Agredir o professor					

7. Ordene de 1 a 9 os seguintes comportamentos pelo seu grau de gravidade, sendo que 1 é o menos grave e 9 o mais grave

Comportamentos	Nível
a) Falar em voz baixa	
b) Trocar mensagens e papelinhos	
c) Gozar com os colegas	
d) Gozar com o professor	
e) Fazer perguntas pouco adequadas à aula	
f) Não acatar as ordens do professor	
g) Recusar-se a trabalhar	
h) Agredir os colegas	
i) Agredir o professor	

8. As frases abaixo pretendem ilustrar possíveis comportamentos dos alunos diga se considera ou não, cada um deles, como um comportamento de indisciplina.

8.1. O aluno utiliza boné na sala de aula:

Sim Não

8.2. O aluno contesta sobre uma repreensão do professor

Sim Não

8.3. O aluno ingere água durante uma atividade na sala de aula:

Sim Não

8.4. No decorrer da aula o aluno balança a cadeira:

Sim Não

8.5. O aluno repreende o colega que está a destabilizar a aula:

Sim Não

8.6. O aluno espirra/tosse de forma exagerada:

Sim Não

8.7. O aluno chega constantemente atrasado à sala de aula:

Sim Não

8.8. O aluno não participa na aula, mas também não incomoda (apático):

Sim Não

8.9. O aluno por auto recriação utiliza o material escolar do professor:

Sim Não

8.10. O aluno põe em dúvida o conhecimento do professor:

Sim Não

9. Existe algum comportamento que enquadre na indisciplina e que não tenha sido referido neste questionário? (Não é necessário descrever o episódio de indisciplina)
-

Muito obrigada pela colaboração.